

# Sobrevivência das Empresas no Brasil

UGE/NA  
Núcleo de Estudos e Pesquisas

Outubro/2016



**2016. © Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae**

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

**Informações e contatos**

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae

Unidade de Gestão Estratégica – UGE

Núcleo de Estudos e Pesquisas

SGAS 605 – Conj. A – Asa Sul – Brasília/DF – CEP: 70200-645

Telefone: (61) 3348-7180 /Site: [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)

**Presidente do Conselho Deliberativo**

Robson Braga de Andrade

**Diretor-Presidente**

Guilherme Afif Domingos

**Diretora-Técnica**

Heloisa Regina Guimarães de Menezes

**Diretor de Administração e Finanças**

Vinicius Lages

**Unidade de Gestão Estratégica**

Pio Cortizo

Gerente

Elizis Maria de Faria

Gerente Adjunta

**Equipe Técnica**

Marco Aurélio Bedê (coordenação)

Alexandre Vasconcelos Lima

**Série Ambiente dos Pequenos Negócios**

- Boletim CAGED
- Boletim Estudos e Pesquisas
- Indicadores de Crédito das MPE no Brasil
- O Financiamento das MPE no Brasil
- As MPE nas Exportações

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	4
2. ESTUDOS EXISTENTES NO MERCADO.....	6
3. RESULTADOS DAS TAXAS DE SOBREVIVÊNCIA DAS EMPRESAS NO BRASIL .....	8
3.1. Resultados no âmbito nacional .....	8
3.2. Resultados por porte.....	15
3.3. O impacto do MEI na taxa de sobrevivência de empresas .....	17
3.2. Resultados por setores de atividade .....	19
3.5. Resultados por segmentos de atividade .....	21
3.6. Resultados por regiões do país .....	30
3.7. Resultados por Unidades da Federação.....	31
3.8. Resultados por capitais .....	39
3.9. Resultados para os principais municípios .....	41
4. FATORES DETERMINANTES DA SOBREVIVÊNCIA/MORTALIDADE DE EMPRESAS.....	52
5. ESTUDOS INTERNACIONAIS.....	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
Anexo 1– Metodologia .....	60
A.1. Universo de estudo .....	61
A.2. Situação da empresa em cada ano .....	62
A.3. Taxa de sobrevivência/mortalidade.....	63
A.4. Principais diferenças e dificuldades encontradas em relação ao estudo anterior .....	64
Bibliografia .....	65

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da sobrevivência das empresas é um dos temas mais importantes para as instituições que, como o Sebrae, trabalham com o foco nos Pequenos Negócios. Desde 2011, o Sebrae atualiza o seu estudo este tema. Este é o terceiro relatório elaborado, desde então, com o objetivo identificar a taxa de sobrevivência/mortalidade das empresas com até 2 anos de atividade, no Brasil. Nos estudos anteriores, publicados em 2011 e 2013, o trabalho se baseou exclusivamente no processamento e análise das bases de dados disponibilizadas pela Secretaria da Receita Federal (SRF). No presente estudo, em paralelo ao processamento das bases citadas, foi realizada também uma pesquisa com 2.006 empresas, ativas e inativas, com o objetivo de identificar os fatores determinantes da sobrevivência/mortalidade desses empreendimentos.

Neste trabalho, foram processados os dados da SRF das empresas constituídas nos anos 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012. Como o registro de constituição (e/ou baixa) pode ocorrer, de fato, nas bases dos anos seguintes ao do próprio ato da criação (e/ou fechamento), foi necessário utilizar todas as informações destas empresas nas bases entre 2008 e 2014<sup>1</sup>. Com respeito à pesquisa, as 2.006 entrevistas com empresas foram feitas entre julho e agosto de 2016, com uma amostra representativa das empresas constituídas em 2011 e 2012.

Neste relatório, no capítulo 2, é apresentada uma breve exposição dos dois principais tipos de metodologias que existem para medir a sobrevivência das empresas: processamento de bases de dados oficiais; e rastreamento presencial das empresas/pesquisas amostrais.

---

<sup>1</sup> A mensuração da taxa de sobrevivência de empresas não é um trabalho simples. As dificuldades começam na própria definição do que é uma empresa “recém-criada”, o que é uma empresa “em atividade” e o que é uma empresa “encerrada”. Além disso, os registros nas bases de dados oficiais são frequentemente alterados, por razões variadas. Seja porque os donos podem demorar a solicitar o registro de criação (e/ou encerramento) do negócio, seja porque os sistemas oficiais apresentam as suas próprias dificuldades em termos de atualização dos dados. Há também casos de empreendedores que iniciam o registro de sua empresa, mas logo se deparam com problemas de pendências fiscais nos nomes de seus sócios, o que acaba interrompendo prematuramente o registro formal da empresa. Por outro lado, o registro do fechamento de uma empresa, às vezes, é acompanhado do registro de reabertura de outra empresa, muito semelhante, que utiliza a mesma estrutura da empresa extinta anteriormente. Já no âmbito das bases de dados oficiais, para uma mesma empresa, as informações sobre se está (ou não) em atividade podem ser conflitantes. Por exemplo, uma empresa pode constar como inativa, num determinado ano, e alguns anos depois, na mesma base oficial de dados, pode aparecer o registro de entrega da sua Declaração de Imposto de Renda, com faturamento maior que zero. Trabalhos dessa natureza exigem, portanto, um estudo mais sistemático do conjunto das informações disponíveis, assim como o uso de uma base conceitual clara e precisa, para que possamos identificar a situação mais próxima da realidade de cada empresa constante nessas bases de dados. Esses são apenas alguns exemplos com que se deparam os pesquisadores que buscam medir o fenômeno da sobrevivência/mortalidade de empresas, por meio do processamento de bases de dados oficiais.

No capítulo 3, são apresentados os resultados para o cálculo da taxa de sobrevivência/mortalidade de empresas, com até 2 anos de atividade, constituídas no anos de 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012. Para cada uma dessas empresas, foram consideradas as informações disponíveis nos registros da SRF, no conjunto do período de 2008 a 2014. A última base de dados disponibilizada pela SRF foi a referente ao ano de 2014, razão pela qual só é possível identificar a taxa de sobrevivência de 2 anos para as empresas criadas até 2012. Isto porque, para cada ano de estudo, são utilizados os registros administrativos daquele mesmo ano e dos 2 anos seguintes. As taxas de sobrevivência de empresas foram calculadas no âmbito nacional, por setores de atividade, por segmentos de atividade, por regiões do país, por Unidades da Federação (UF), por capitais e para os principais municípios em cada UF.

No capítulo 4, são apresentados os resultados da pesquisa de campo feita pelo Sebrae com empresas, durante o ano de 2016. Neste capítulo será possível verificar que os principais fatores determinantes do encerramento dos negócios estão associados, principalmente, ao preparo dos empreendedores, ao planejamento e à gestão do negócio.

No quinto capítulo, são apresentados alguns dados internacionais sobre taxas de sobrevivência de empresas, monitorados pela *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD). Esta instituição acompanha um grupo específico de países, em especial, os países membros. A metodologia da OECD é próxima à aqui utilizada, embora haja diferenças importantes, que são comentadas no capítulo. Como será visto, a despeito das diferenças metodológicas, as taxas calculadas pelo Sebrae se aproximam das apresentadas pela OECD.

Finalmente, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais. Na sequência, são apresentados o anexo metodológico e as referências bibliográficas. Vale observar que, devido à ajustes que tiveram de ser realizados na metodologia<sup>2</sup>, as taxas de sobrevivência aqui calculadas não podem ser comparadas com as taxas dos estudos anteriores.

---

<sup>2</sup> Para aumentar a comparabilidade das definições deste estudo com os demais estudos do Sebrae, em especial, com “O Público do Sebrae”, foram revistas algumas das definições adotadas no trabalho anterior de sobrevivência/mortalidade de empresas. Por exemplo, o tratamento às empresas com zero empregado, que passaram a ser tratadas, aqui, como inativas, tornando as estimativas de sobrevivência mais conservadoras que no estudo anterior. Uma explicação mais detalhada das alterações na metodologia encontra-se disponível no anexo deste trabalho.

## 2. ESTUDOS EXISTENTES NO MERCADO

Nos estudos que tratam do cálculo da taxa de sobrevivência de empresas, são utilizados basicamente dois tipos de metodologias:

1. As que utilizam pesquisas de campo, de caráter amostral, por meio de rastreamento (principalmente presencial) e posterior entrevista, para verificar *in loco* se as empresas registradas em determinado período continuam em atividade; e
2. As que utilizam o processamento e a análise de banco de dados oficiais (registros administrativos) para identificar a situação das empresas quanto à sua atividade/inatividade neste registros (sem realização de pesquisas de campo).

No primeiro grupo, a principal vantagem é a obtenção de dados mais atualizados. Neles, a constatação da situação das empresas (ativa/inativa) é feita presencialmente, após sucessivas etapas de rastreamento da empresa e seu dono (ex-dono). Na sequência do rastreamento, é feita entrevista pessoal com o criador/gestor do negócio. Entre as desvantagens está o elevado custo para sua realização, pois, além da entrevista ser pessoal, só pode ser feita com a pessoa responsável pela criação/gestão do empreendimento. Esse tipo de trabalho supera, em termos de dificuldades operacionais e custos, as pesquisas domiciliares<sup>3</sup>. Outra desvantagem é a imprecisão na informação, visto que as taxas calculadas apresentam margens de erro, que são próprias de pesquisas amostrais. São exemplos, os trabalhos realizados pelo Sebrae no passado<sup>4</sup>.

No segundo grupo, as principais vantagens são o baixo custo para o cálculo da taxa e a margem de erro zero, ou seja, é checada a totalidade (100%) das empresas que compõem o cadastro das empresas constituídas nos anos em análise. Contudo, nesses estudos, além de não ser possível verificar com os Donos de Negócio as razões do fechamento das empresas (já que não há entrevistas), há uma defasagem maior nos dados, visto que as bases de dados oficiais são disponibilizadas com 2 ou 3 anos de atraso em relação ao fato gerador das informações. São exemplos, os trabalhos realizados pelo IBGE e pelo BNDES<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> As pesquisas domiciliares costumam estar entre as mais caras. O trabalho de rastreamento feito nas pesquisas de mortalidade de empresas tem como agravante, em termos de custos, o fato que a busca pelo entrevistado poder levar o entrevistador a um grande número de endereços distintos, já que a entrevista precisa ser feita exatamente com o dono de cada empresa sorteada para participar da amostra. Não pode haver substituição do entrevistado (ao contrário das pesquisas domiciliares e das entrevistas pessoais), e este (o dono e/ou seu negócio) pode já ter mudado de endereço por várias vezes. A experiência revela que isto acontece com muita frequência.

<sup>4</sup> Sebrae NA (1998 e 2007), Sebrae SP (2008 e 2012) e Sebrae RN (2005).

<sup>5</sup> BNDES (2002 e 2003), IBGE (2002, 2007, 2008, 2010 e 2012) e NAJBERG & PUGA (2000).

Nos trabalhos do Sebrae de 2011 e 2013, foi utilizado exclusivamente o segundo tipo de metodologia, ou seja, o processamento do banco de dados da SRF<sup>6</sup>. A principal razão para isso foi o baixo custo do trabalho. Estes trabalhos se limitaram a fazer o cálculo das taxas de sobrevivência.

No presente relatório, buscou-se uma opção intermediária. Aqui, a exemplo dos trabalhos anteriores, partiu-se do processamento da base de dados da SRF para chegar às taxas de sobrevivência das empresas com até 2 anos. Porém, em paralelo, foi realizada uma pesquisa amostral, com entrevistas por telefone, com empresas consideradas ativas e inativas<sup>7</sup>. Vale lembrar que a pesquisa por telefone é bem mais barata que todas as demais opções de pesquisa de campo<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> SEBRAE NA (2011), "Taxa de Sobrevivência das Empresas no Brasil". Brasília, outubro/2011.

SEBRAE NA (2013), "Sobrevivência das Empresas no Brasil". Brasília, 2013.

<sup>7</sup> Portanto, sem incorrer nos elevados custos associados às pesquisas domiciliares. Neste caso, a principal diferença para as pesquisas pessoais com rastreamento é que as taxas de sobrevivência não são (e não podem ser) obtidas a partir da pesquisa por telefone. Isso porque nas pesquisas por telefone há a substituição de um informante por outro, quando há recusas para responder. Na pesquisa direta e pessoal feita por meio de rastreamento dos donos (ex-donos), isso não é possível, sob risco de não se chegar à uma taxa de sobrevivência confiável.

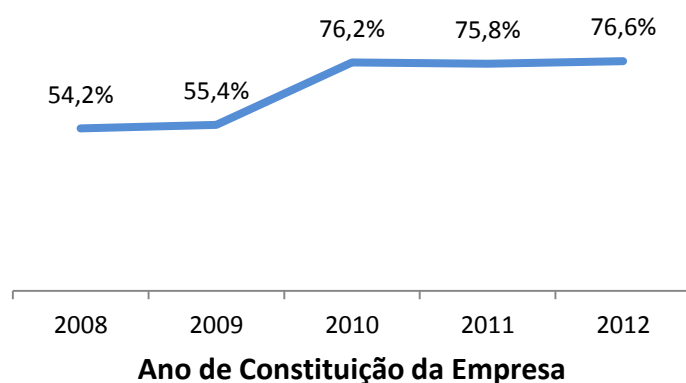
<sup>8</sup> Em relação aos demais tipos de pesquisas citados (rastreamento e entrevistas pessoais e pesquisa domiciliares), as pesquisas por telefone proporcionam economia, pois não incorrem em custos com transporte e/ou estadia dos entrevistadores, assim como permitem a substituição de informantes, quando há recusas para responder.

### 3. RESULTADOS DAS TAXAS DE SOBREVIVÊNCIA DAS EMPRESAS NO BRASIL

#### 3.1. Resultados no âmbito nacional

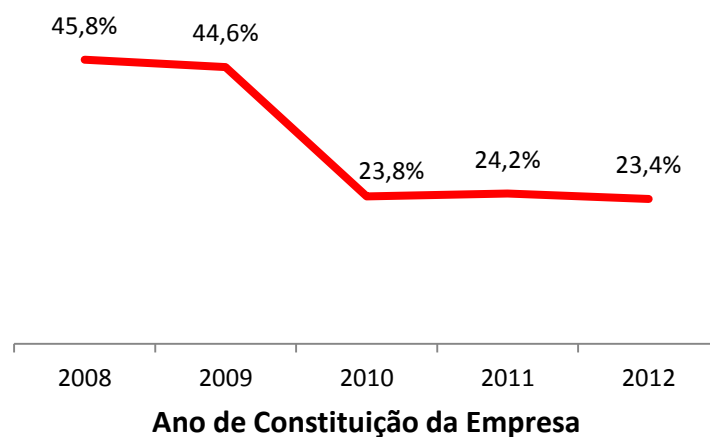
Tomando como referência as empresas brasileiras constituídas em 2012, e as informações sobre estas empresas disponíveis na SRF até 2014, a taxa de sobrevivência das empresas com até 2 anos de atividade foi de 76,6% (Gráfico 1). Essa taxa foi a maior taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos, já calculada para as empresas nascidas em todo o período compreendido entre 2008 e 2012.

**GRÁFICO 1 - TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, EVOLUÇÃO NO BRASIL**



Fonte: Sebrae-NA, a partir de processamento das bases de dados da SRF disponíveis até 2014.

**GRÁFICO 2 - TAXA DE MORTALIDADE DE EMPRESAS DE 2 ANOS, EVOLUÇÃO NO BRASIL**



Fonte: Sebrae-NA, a partir de processamento das bases de dados da SRF disponíveis até 2014.

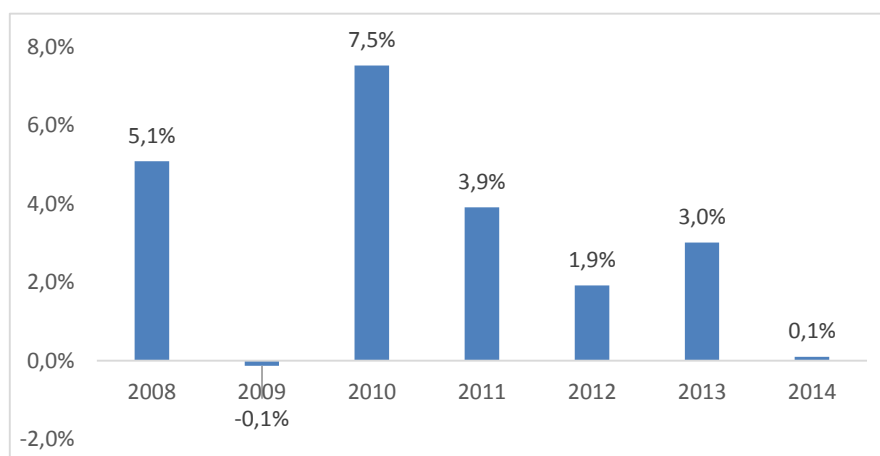


Como a taxa de mortalidade é complementar à da sobrevivência, pode-se dizer que a taxa de mortalidade de empresas com até 2 anos caiu de 45,8%, nas empresas nascidas em 2008, para 23,4% nas empresas nascidas em 2012, conforme exposto no Gráfico 2.

É importante frisar que as empresas criadas no período entre 2008 e 2012 se beneficiaram de uma série de aspectos positivos, presentes no conjunto do período compreendido entre 2008 e 2014, o que ajuda a explicar o aumento da taxa de sobrevivência das empresas nesse período. Se destacam, por exemplo:

- **Evolução do PIB:** entre 2008 e 2014, as empresas viveram em um contexto de expansão quase que contínua do PIB, com taxas expressivas de crescimento, por exemplo nos anos de 2008 e 2010. A exceção foi o ano de 2009, quando houve pequena contração. Particularmente, em 2010, a taxa de crescimento do PIB (7,5% a.a.) foi a mais alta em 25 anos, o que deve ter beneficiado muito as empresas criadas nesse período.

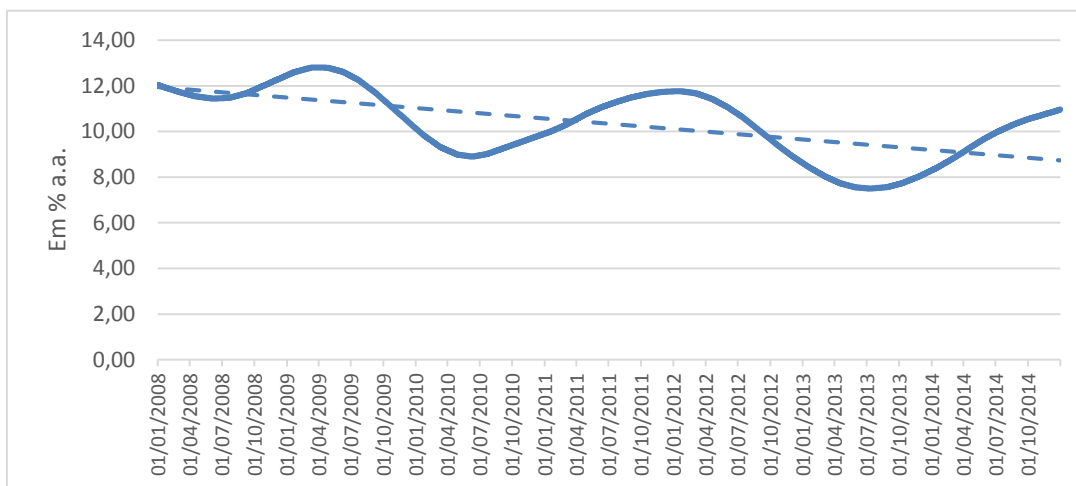
**GRÁFICO 3 - TAXA DE VARIAÇÃO DO PIB NO BRASIL em % a.a. (2008-2014)**



Fonte: IBGE

- **Evolução das taxas de juros:** entre 2008 e 2014, verificou-se uma tendência de queda da taxa de juros (Gráfico 4). Apesar dos ciclos de alta da taxa de juros Selic, adotados com o propósito de conter a inflação, em momentos específicos, a linha de tendência expresso pela média móvel da taxa SELIC (linha tracejada do Gráfico 4) foi nitidamente de queda.

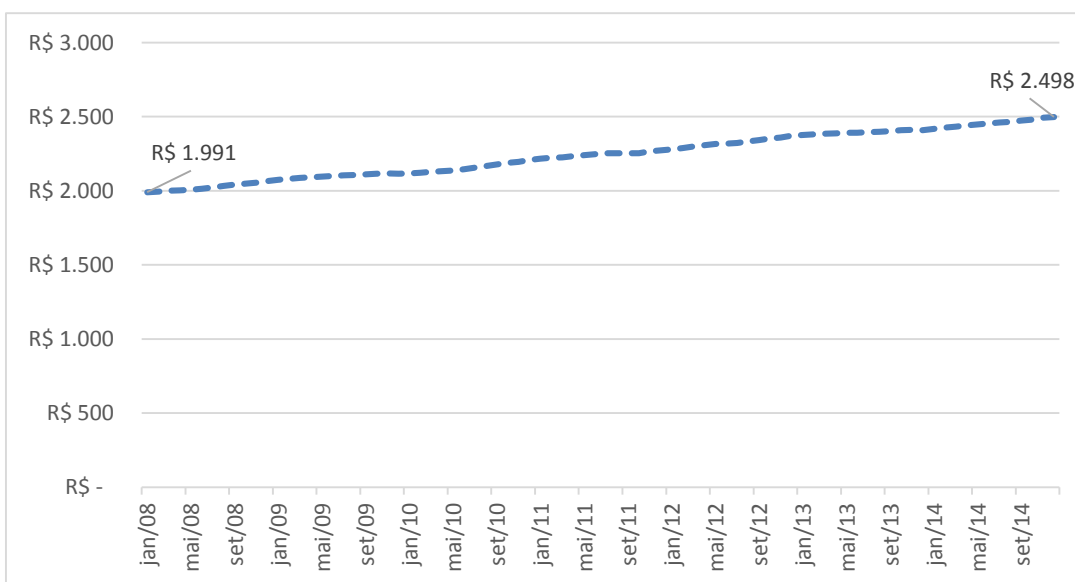
**GRÁFICO 4 - TAXA SELIC, média móvel 12 meses, em % a.a. (2008-2014)**



Fonte: Elaboração própria a partir do Banco Central.

- **Evolução do rendimento médio real dos trabalhadores:** entre 2008 e 2014, o rendimento médio dos trabalhadores (Gráfico 5) apresentou uma expansão acumulada de 25% acima da inflação, refletindo uma expansão generalizada dos rendimentos dos trabalhadores na economia brasileira.

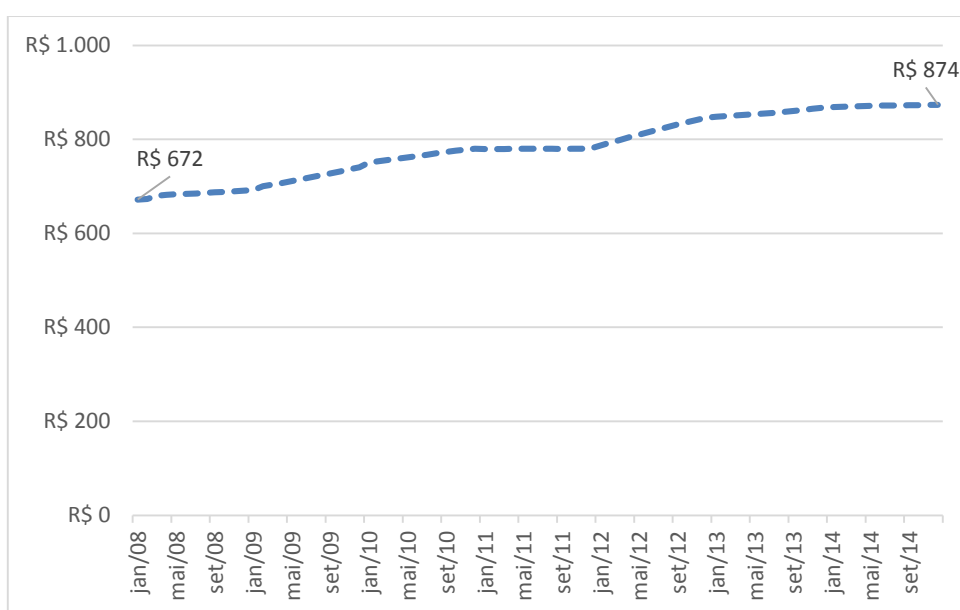
**GRÁFICO 5 – RENDIMENTO MÉDIO REAL DOS TRABALHADORES, média móvel 12 meses, em R\$ cte de junho 2016 (2008-2014)**



Fonte: Elaboração própria a partir do IBGE.

- **Evolução do Salário Mínimo (SM) real:** entre 2008 e 2014, o Salário Mínimo apresentou uma expansão acumulada de 30% acima da inflação (Gráfico 6). Esta evolução no valor do piso dos salários da economia, superior à do salário médio dos trabalhadores (Gráfico 5), resultou em benefícios importantes para os Pequenos Negócios, visto que a maioria destes produz/oferta “bens salários”<sup>9</sup>, ou seja, bens e serviços voltados para o mercado interno e para o atendimento das necessidades básicas da população (p.ex. alimentação, vestuário, calçados, beleza e manutenção de moradias).

**GRÁFICO 6 – SALÁRIO MÍNIMO REAL, média móvel 12 meses, em R\$ cte (2008-2014)**

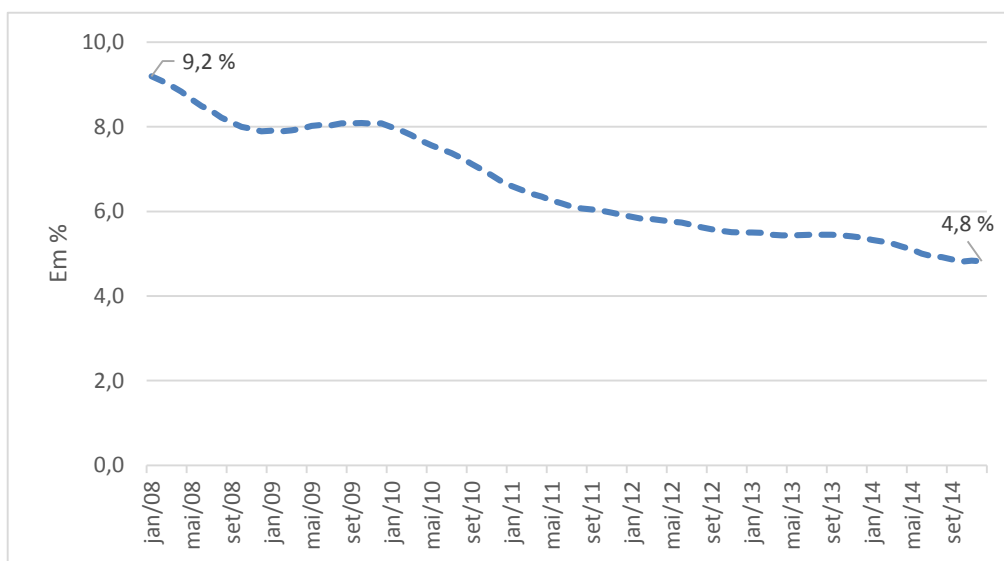


Fonte: Elaboração própria a partir do IBGE.

- **Evolução da taxa de desemprego:** a taxa de desemprego nas principais regiões metropolitanas do país caiu de 9,2% para 4,8% da população economicamente ativa (uma queda de quase 50% na taxa). A menor taxa de desemprego associada ao aumento do rendimento dos trabalhadores implicou em aumento expressivo da renda das famílias, favorecendo os Pequenos Negócios criados no período.

<sup>9</sup> “BENS-SALÁRIO. Conjunto de bens que em cada país constitui a cesta de consumo básico do trabalhador, segundo seu padrão de vida. São formados pelos artigos de primeira necessidade para o trabalhador e sua família, como os alimentos, o vestuário, a habitação, o transporte e os serviços de educação e saúde. Por lei, o salário mínimo deveria ser suficiente para proporcionar ao trabalhador essa quantidade mínima de bens, indispensáveis a sua sobrevivência familiar.” SANDRONI, P org. (1999).

**GRÁFICO 7 – TAXA DE DESEMPREGO, em % (2008-2014)**



Fonte: IBGE

- Evolução positiva da legislação voltada para os Pequenos Negócios: na última década, os Pequenos Negócios se beneficiaram de várias mudanças importantes ocorridas na legislação. Entre as principais, destacam-se:
  - a. Implantação da Lei Geral das MPE: Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. Trata-se de ampla lei complementar que vem sendo objeto de paulatina implantação/regulamentação, desde que foi criada. Prevê diversos tratamentos diferenciados e favoráveis às MPE, no tocante à inscrição/baixa, regime de impostos (criação do Simples Nacional), compras governamentais, regime simplificado de exportação, redução de obrigações trabalhistas acessórias, fiscalização orientadora, previsão da necessidade de implantação da Lei Geral das MPE no âmbito dos municípios, etc.
  - b. Implantação e ampliação do Simples Nacional: Um dos principais itens previstos na Lei Geral das MPE, o Simples Nacional foi instituído a partir de julho de 2007. Prevê tratamento tributário simplificado e favorável, por meio do pagamento de oito impostos e contribuições (IRPJ, IPI, CSLL, COFINS, PIS, INSS, ICMS e ISS) em uma única guia de recolhimento, com uma carga tributária mais baixa para a maioria das atividades, quando comparado aos demais regimes de impostos. Foi objeto de vários aperfeiçoamentos, desde sua criação. P.ex. ampliação do número de atividades passíveis de opção pelo Simples, ampliação dos

valores/limites, etc. (p.ex. Lei Complementar 128/2007, Lei Complementar 133/2009, Lei Complementar 139/2011 e Lei Complementar 147/2014).

- c. Criação da figura do Microempreendedor Individual (MEI): Lei Complementar 128/2008 criou a figura do MEI, permitindo o início da formalização dos negócios informais e estimulando a criação de novos empreendimentos nas faixas de faturamento mais baixas, a baixo custo de registro e sem burocracia. Entre as vantagens oferecidas por essa lei está o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), o que facilita a abertura de conta bancária, o pedido de empréstimos e a emissão de notas fiscais. O MEI também é enquadrado no Simples Nacional e fica isento dos tributos federais (Imposto de Renda, PIS, Cofins, IPI e CSLL). Assim, paga apenas o valor fixo mensal de R\$ 45,00 (comércio ou indústria), R\$ 49,00 (prestação de serviços) ou R\$ 50,00 (comércio e serviços), que será destinado à Previdência Social e ao ICMS ou ao ISS. Com essas contribuições, o Microempreendedor Individual tem acesso a benefícios como auxílio maternidade, auxílio doença, aposentadoria, entre outros<sup>10</sup>. A Lei Complementar 139/2011 ampliou o limite de faturamento anual do MEI de R\$36 mil para R\$60 mil.

Particularmente, no caso da criação da figura do MEI, promoveu-se um dos fenômenos mais fortes de transformação do perfil dos Pequenos Negócios já ocorridos no país. Seu crescimento exponencial mais que triplicou o número de optantes do Simples Nacional, entre 2009 e 2016 (Gráfico 8).

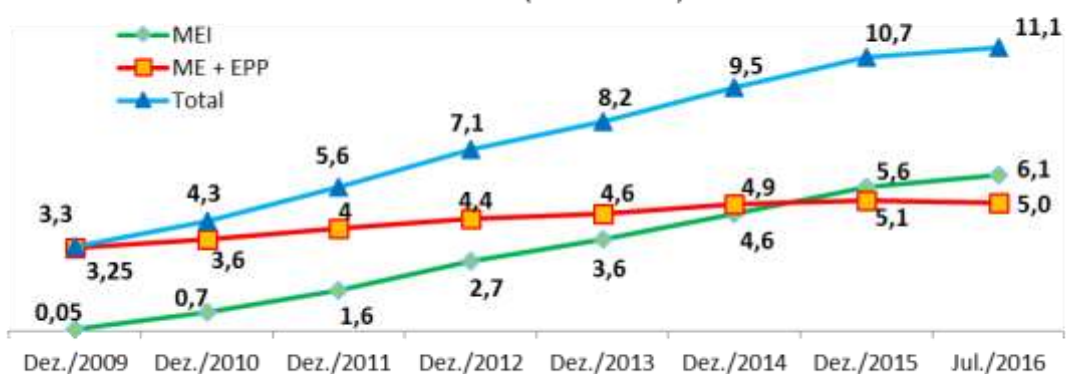
Especificamente entre 2008 e 2014, o número de MEI passou de zero para 4,6 milhões de MEI (e chegou a 6,1 milhões em julho de 2016). Como veremos na próxima seção, esse foi o principal fator que levou ao aumento da taxa média de sobrevivência das empresas, no período aqui analisado.

---

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>.

## GRÁFICO 8 – NÚMERO DE EMPRESAS OPTANTES DO SIMPLES NACIONAL (2008-2016)

### Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)



Fonte: Receita Federal

Fonte: SRF

### 3.2. Resultados por porte

De forma inédita, pela primeira vez, foram calculadas as taxas de sobrevivência, segmentadas, para todos os portes de empresas:

- Microempreendedor Individual (MEI);
- Microempresas (ME);
- Empresas de Pequeno Porte (EPP);
- Médias Empresas (MdE); e
- Grandes Empresas (GdE)

O Gráfico 9 mostra que as EPP, as MdE e as GdE apresentam perfis muito próximos de taxa de sobrevivência. Por exemplo, para as empresas constituídas em 2012, a taxa de sobrevivência até 2 anos das EPP foi de 98%, idêntica ao das MdE (98%) e ligeiramente acima das GdE (97%).

Já a taxa de sobrevivência de até 2 anos das ME constituídas em 2012 foi de apenas 55%. E no caso dos MEI (87%), a taxa se aproxima mais da taxa das EPP do que das ME.

Esses resultados mostram que as Microempresas constituem o grupo que tem maior peso no fechamento dos Pequenos Negócios, seja pelo elevado número de empresas deste porte no grupo dos Pequenos Negócios, seja porque é o segmento com maior taxa de mortalidade.

Esses resultados parecem indicar que, no caso das empresas maiores (EPP, MdE e GdE) que já possuem uma estrutura mais organizada e maior capital, ou seja, já adquiriram suficiente “musculatura”<sup>11</sup>, estas tendem a ter maior chance de sobrevivência<sup>12</sup>.

Adicionalmente, a criação das regras de formalização dos MEI (com baixa burocracia e baixo custo para o registro de criação/baixa e manutenção), associadas à estruturas muito pequenas e flexíveis que estes apresentam (predominam empreendimentos de uma pessoa só, sem empregados assalariados<sup>13</sup>), parece ter resultado na criação de um tipo de “nano” negócio com

---

<sup>11</sup> NAJBERG et al (2000) observa que as taxas de sobrevivência tendem a ser maiores para as firmas de maior porte, em função do acesso mais facilitado ao capital humano e financeiro, além dos expressivos investimentos que servem de “colchão” para eventuais choques.

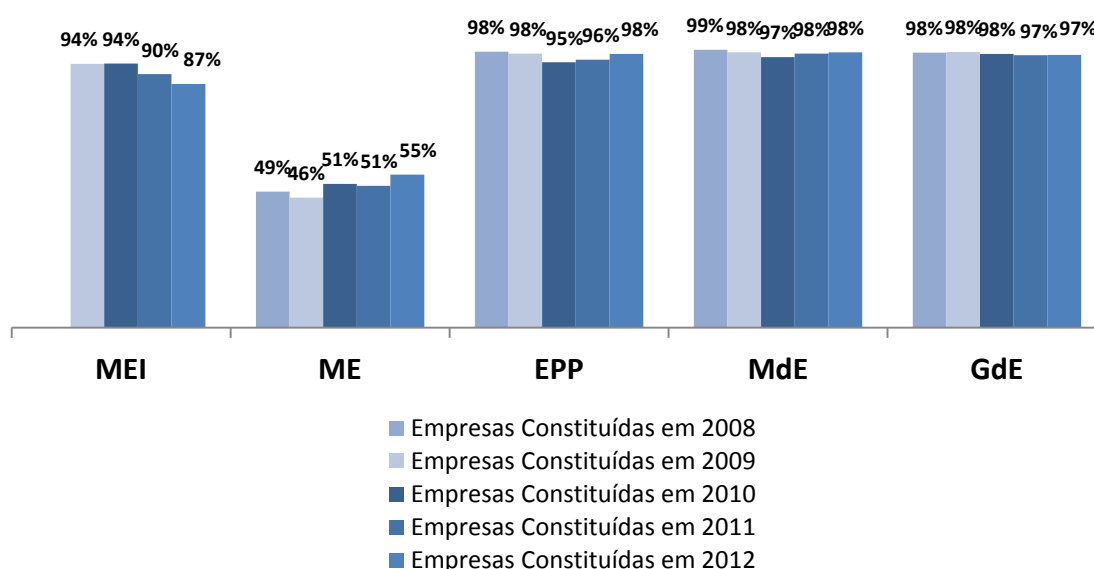
<sup>12</sup> IBGE (2008) observa que “as empresas maiores, com maior capital imobilizado, tendem a permanecer mais tempo no mercado, pois os custos de saída costumam ser elevados, dentre outros fatores” (IBGE, 2008, pg 27/28).

<sup>13</sup> SEBRAE (2016) e SEBRAE (2011).

elevada chance de sobrevivência, pelo menos, nos dois primeiros anos de atividade. Isto, se comparado às Microempresas.

Finalmente, é importante observar que o forte aumento da taxa geral de sobrevivência das empresas apresentado no Gráfico 1, entre 2008 e 2012, foi fortemente determinado pela expansão do número de MEI, dentro do universo dos Pequenos Negócios. Os MEI partem de 0% para quase 65% do universo dos Pequenos Negócios, mas sua taxa de sobrevivência é bem superior à taxa das ME, puxando para cima a taxa média de sobrevivência das empresas.

**GRÁFICO 9 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR PORTE**

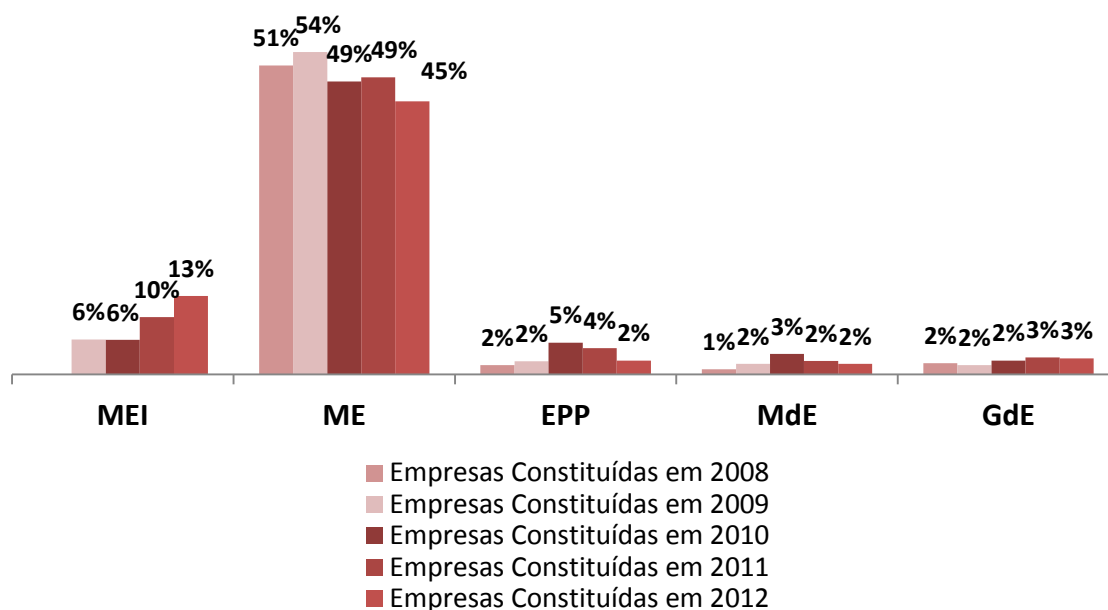


Fonte: Sebrae

Nota: o registro oficial de MEI teve início em 2009, razão pela qual a taxa de sobrevivência para o MEI só é calculada a partir deste ano.



**GRÁFICO 10 – TAXA DE MORTALIDADE DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR PORTE**



Fonte: Sebrae

Nota: o registro oficial de MEI teve início em 2009, razão pela qual a taxa de mortalidade para o MEI só é calculada a partir deste ano.

### 3.3. O impacto do MEI na taxa de sobrevivência de empresas

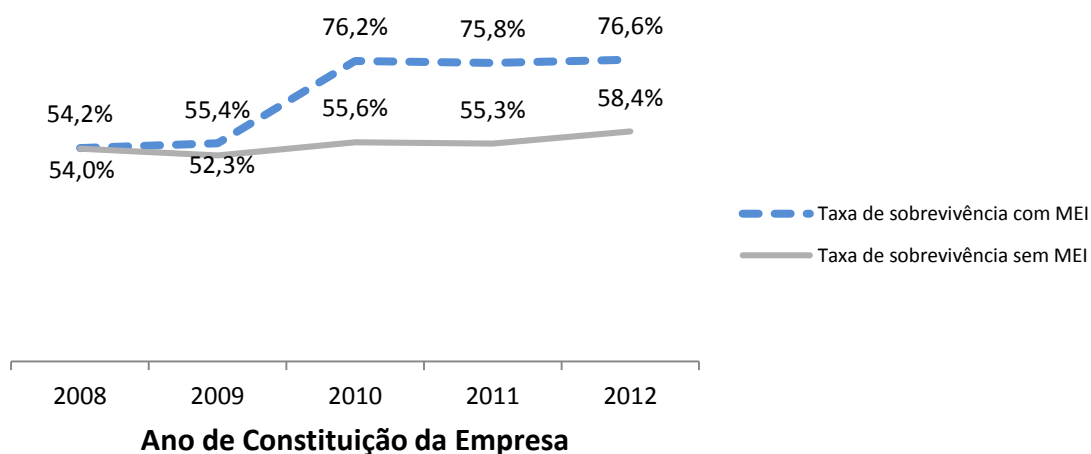
A linha tracejada do Gráfico 11 apresenta a taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos, incluindo MEI, ME, EPP, MdE e GdE. A linha contínua é uma simulação de qual seria a taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos, caso fossem excluídos os MEI da análise. Ambas apresentam tendência de aumento da taxa de sobrevivência, porém, esse aumento é muito mais forte quando é incluído o MEI no universo de empresas (linha tracejada).

A diferença entre as duas linhas (tracejada e contínua) expressa o impacto na taxa de sobrevivência, do ingresso do MEI no universo de empresas analisado. Observe-se que, quando tomadas isoladamente as taxas de sobrevivência das EPP, MdE e GdE, estas se mostram relativamente altas (Gráfico 9), mas estas empresas tem pouca participação no total. Em 2008, juntas EPP, MdE e GdE respondiam por apenas 10,8% das empresas criadas no ano. No outro extremo, as taxas de sobrevivência das ME são relativamente baixas (Gráfico 9). Porém, este tipo de empresa tem elevada participação no total de empresas. Em 2008, as ME respondiam por 89,3% das empresas criadas no ano. Portanto, as ME “puxam para baixo” a taxa de sobrevivência das empresas.

O MEI, ao ser introduzido na análise, provoca um impacto muito positivo no cálculo da taxa de sobrevivência das empresas, porque além de sua taxa ser elevada (Gráfico 9), quando tomada isoladamente, sua participação no total cresce substancialmente no período (Tabela 1), passando de 0%, em 2008, para 63% das empresas criadas, em 2012.

Nas próximas seções, optou-se por fazer a análise da taxa de sobrevivência de empresas, sempre com a inclusão do MEI no conjunto total de empresas.

**GRÁFICO 11 - TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, EVOLUÇÃO NO BRASIL, COM E SEM MEI**



Fonte: Sebrae

**TABELA 1 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS EMPRESAS POR PORTE NO TOTAL DAS CONSTITUIÇÕES POR ANO (2008-2012)**

	2008	2009	2010	2011	2012
MEI	0,0%	7,3%	53,4%	58,1%	63,9%
ME	89,3%	82,1%	42,0%	37,5%	33,0%
EPP	9,7%	9,6%	4,3%	4,0%	3,0%
MdE	1,0%	0,9%	0,3%	0,3%	0,2%
GdE	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte SRF

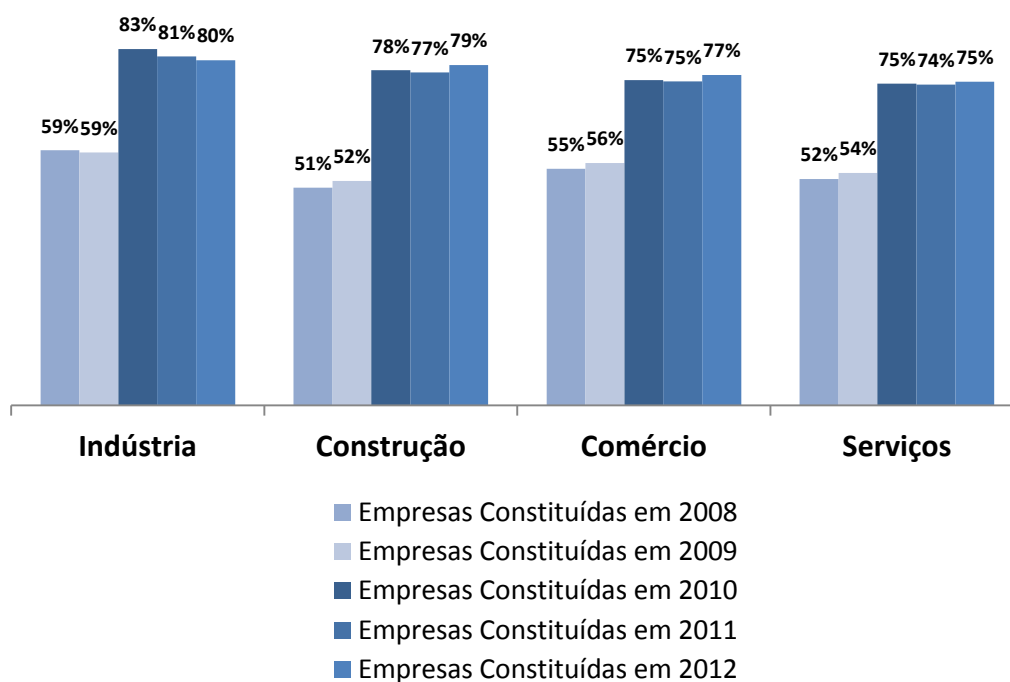
### 3.4. Resultados por setores de atividade

Em termos setoriais, para as empresas nascidas em 2012, verifica-se que a maior taxa de sobrevivência foi registrada nas empresas do setor industrial (80%), seguida pela taxa da construção (79%), do comércio (77%) e de serviços (75%).

O bom desempenho do setor industrial foi puxado pelas empresas da indústria na região Sudeste, onde a taxa de sobrevivência das empresas constituídas em 2012 foi a 82% (Tabela 2).

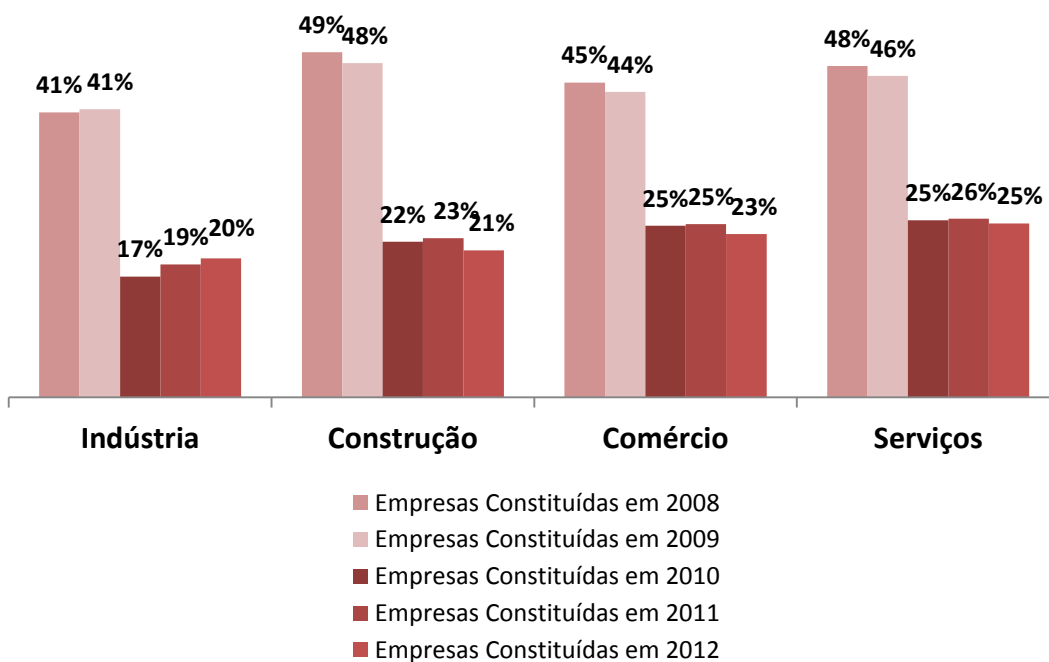
Em termos de evolução, verificou-se em 2010 um salto na taxa de sobrevivência em todos os setores. Como visto anteriormente, esse desempenho foi fortemente influenciado pelo aumento da participação dos MEI no universo de empresas. A expansão do PIB no período também favoreceu o aumento e a manutenção das taxas de sobrevivência em níveis elevados.

**GRÁFICO 12 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR SETOR**



Fonte: Sebrae

**GRÁFICO 13 – TAXA DE MORTALIDADE DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR SETOR**



Fonte: Sebrae

**TABELA 2 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR SETOR/REGIÃO (empresas constituídas em 2012)**

Região	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
Norte	79%	69%	75%	74%	75%
Nordeste	79%	73%	76%	75%	76%
Sudeste	82%	81%	78%	76%	78%
Sul	77%	81%	74%	74%	75%
Centro-Oeste	79%	78%	77%	76%	77%
<b>BRASIL</b>	<b>80%</b>	<b>79%</b>	<b>77%</b>	<b>75%</b>	<b>77%</b>

Fonte: Sebrae

### 3.5. Resultados por segmentos de atividade

Na seção anterior, foram analisadas as taxas de sobrevivência para o conjunto dos quatro setores: indústria, comércio, serviços e construção. Nesta seção, são analisadas as taxas de sobrevivência para 220 segmentos de atividades específicos (39 da indústria, 81 do comércio, 12 da construção e 88 do setor de serviços).

Optou-se aqui por limitar a análise da taxa de sobrevivência aos segmentos que tenham tido, pelo menos, 1.000 empresas constituídas no ano de 2012. Isto porque os segmentos com baixo número de constituições tendem a apresentar taxas de sobrevivência extremas, muito altas ou muito baixas, apenas pelo fato de que a base de constituições é muito reduzida.

Assim, no setor industrial (Tabela 3), a taxa de sobrevivência variou entre 65% no “Fornecimento de alimentos preparados preponderantemente para empresas” e 92% na “Fabricação de produtos de panificação industrial”.

No comércio (Tabela 4), a taxa de sobrevivência variou entre 43% no segmento de “Representantes comerciais e agentes do comércio de medicamentos, cosméticos e produtos de perfumaria” e 90%, no segmento de “Chaveiros”.

No setor da construção (Tabela 5), a taxa de sobrevivência variou entre 49% nos segmentos de “Construção de edifícios” e 86%, na “Aplicação de revestimentos e de resinas em interiores e exteriores”.

No setor de serviços (Tabela 6), a taxa de sobrevivência variou entre 25% no transporte municipal de passageiros e 90% nos “Serviços de tatuagem e colocação de *piercing*”.

No presente estudo, com respeito às empresas constituídas em 2012, verifica-se que as taxas de sobrevivência mais alta estavam bastante presentes em segmentos mais tradicionais, que dependem mais do consumo básico das famílias (p.ex. “Fabricação de produtos de panificação industrial”, manutenção/reparação de veículos, serviços de tatuagem, cabeleireiros, atividades de estética e beleza etc). Atividades estas que foram bastante beneficiadas pela expansão do número de MEI e pela expansão do PIB e do mercado consumidor interno.

**TABELA 3 - NÚMERO DE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, NO SETOR INDUSTRIAL**

<b>Indústria</b>	<b>Total de empresas constituídas em 2012</b>	<b>Taxa de sobrevivência (2 anos)</b>
Fabricação de produtos de panificação industrial	1.608	92%
Fabricação de artefatos de tapeçaria	1.089	90%
Fabricação de artigos de serralheria, exceto esquadrias	8.392	89%
Fabricação de produtos diversos não especificados anteriormente	7.733	88%
Manutenção e reparação de máquinas e aparelhos de refrigeração e ventilação para uso industrial e comercial	2.077	87%
Fabricação de outros artigos de carpintaria para construção	1.542	87%
Fabricação de móveis com predominância de madeira	9.421	86%
Confecção, sob medida, de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	11.990	86%
Fabricação de artefatos diversos de madeira, exceto móveis	2.718	86%
Outros serviços de acabamento em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário	2.114	85%
Fornecimento de alimentos preparados preponderantemente para consumo domiciliar	20.875	85%
Fabricação de produtos derivados do cacau e de chocolates	1.229	84%
Impressão de material para outros usos	2.062	84%
Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão não especificadas anteriormente	2.818	84%
Fabricação de letras, letreiros e placas de qualquer material, exceto luminosos	1.205	83%
Façção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	5.464	83%
Serviços de usinagem, tornearia e solda	3.583	82%
Serviços de montagem de móveis de qualquer material	2.905	82%
Confecção de roupas íntimas	1.676	82%
Serviços de alimentação para eventos e recepções - bufê	3.923	81%
Impressão de material para uso publicitário	2.674	81%
Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas e as confeccionadas sob medida	18.661	81%
Aparelhamento de placas e execução de trabalhos em mármore, granito, ardósia e outras pedras	1.238	80%
Edição de cadastros, listas e outros produtos gráficos	2.977	80%
Estamparia e texturização em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário	1.233	79%
Fabricação de alimentos e pratos prontos	1.601	79%
Fabricação de outros artefatos e produtos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes	1.394	79%
Fabricação de massas alimentícias	1.652	79%
Edição de revistas	1.928	79%
Fabricação de bijuterias e artefatos semelhantes	3.224	79%

Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico	1.215	78%
Instalação de máquinas e equipamentos industriais	2.253	77%
Fabricação de produtos de padaria e confeitaria com predominância de produção própria	8.278	77%
Fabricação de esquadrias de metal	2.650	77%
Atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão não especificadas anteriormente	1.028	76%
Edição de livros	1.562	76%
Edição de jornais diários	2.067	76%
Coleta de resíduos não-perigosos	1.475	67%
Fornecimento de alimentos preparados preponderantemente para empresas	3.867	65%
<b>TOTAL</b>	<b>204.195</b>	<b>80%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 4 - NÚMERO DE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, NO COMÉRCIO**

Comércio	Total de empresas constituídas em 2012	Taxa de sobrevivência (2 anos)
Chaveiros	2.060	90%
Serviços de manutenção e reparação elétrica de veículos automotores	2.853	89%
Serviços de lanternagem ou funilaria e pintura de veículos automotores	7.917	88%
Reparação e manutenção de equipamentos eletroeletrônicos de uso pessoal e doméstico	4.016	88%
Reparação de artigos do mobiliário	2.568	88%
Serviços de borracharia para veículos automotores	4.131	88%
Manutenção e reparação de motocicletas e motonetas	3.604	86%
Comércio varejista de bicicletas e triciclos; peças e acessórios	2.729	85%
Serviços de manutenção e reparação mecânica de veículos automotores	15.902	84%
Reparação e manutenção de equipamentos de comunicação	2.865	84%
Serviços de instalação, manutenção e reparação de acessórios para veículos automotores	3.586	84%
Reparação e manutenção de outros objetos e equipamentos pessoais e domésticos não especificados anteriormente	1.268	84%
Comercio varejista de artigos de cama, mesa e banho	11.497	83%
Lojas de variedades, exceto lojas de departamentos ou magazines	6.392	82%
Comércio varejista de artigos de tapeçaria, cortinas e persianas	1.915	82%
Comércio varejista de outros artigos usados	2.206	81%
Comércio varejista de produtos saneantes	4.566	81%
Comércio varejista de artigos de joalheria	3.853	80%
Comércio varejista de artigos de óptica	3.440	80%
Comércio varejista de jornais e revistas	1.190	80%
Comércio varejista de doces, balas, bombons e semelhantes	4.105	80%
Comércio varejista de plantas e flores naturais	2.522	80%
Comércio varejista de discos, CDs, DVDs e fitas	1.097	79%
Comercio varejista de artigos de armarinho	13.469	79%
Comércio a varejo de peças e acessórios para motocicletas e motonetas	6.148	79%
Comércio varejista de vidros	3.251	79%
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	141.866	79%
Comércio varejista de produtos farmacêuticos, sem manipulação de fórmulas	5.200	79%
Comércio varejista de outros artigos de uso doméstico não especificados anteriormente	4.768	79%
Comércio varejista de calçados	9.344	79%



Comércio varejista de livros	2.056	79%
Comércio varejista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	25.130	79%
Comércio varejista de produtos alimentícios em geral ou especializado em produtos alimentícios não especificados anteriormente	16.962	78%
Comércio varejista de suvenires, bijuterias e artesanatos	11.384	78%
Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação	7.211	78%
Comércio varejista de outros produtos não especificados anteriormente	13.368	78%
Comércio varejista de animais vivos e de artigos e alimentos para animais de estimação	7.327	78%
Comércio varejista de artigos de relojoaria	1.049	78%
Comércio varejista de hortifrutigranjeiros	7.242	78%
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns	42.108	78%
Comércio varejista de laticínios e frios	3.845	77%
Peixaria	2.164	77%
Comércio varejista de brinquedos e artigos recreativos	4.256	77%
Comércio varejista de carnes - açougues	7.535	77%
Comércio varejista de medicamentos veterinários	1.451	76%
Comércio varejista de móveis	7.266	76%
Serviços de lavagem, lubrificação e polimento de veículos automotores	10.226	76%
Comércio varejista de artigos esportivos	2.875	76%
Comércio varejista de tintas e materiais para pintura	1.356	75%
Comércio a varejo de peças e acessórios novos para veículos automotores	14.004	75%
Comércio a varejo de peças e acessórios usados para veículos automotores	1.330	75%
Comércio varejista de bebidas	23.621	75%
Comércio varejista especializado de peças e acessórios para aparelhos eletroeletrônicos para uso doméstico, exceto informática e comunicação	2.850	75%
Comércio varejista de material elétrico	2.617	75%
Padaria e confeitaria com predominância de revenda	7.997	75%
Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática	14.674	75%
Comércio varejista de ferragens e ferramentas	4.605	75%
Comércio varejista especializado de eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo	6.031	74%
Comércio varejista de artigos médicos e ortopédicos	1.444	74%
Comércio varejista de cal, areia, pedra britada, tijolos e telhas	1.235	74%
Comércio varejista de tecidos	1.430	73%
Comércio varejista de artigos de papelaria	4.108	73%

Comércio a varejo de pneumáticos e câmaras-de-ar	1.241	73%
Comércio varejista de artigos de viagem	1.247	72%
Comércio varejista de materiais de construção em geral	15.662	72%
Comércio varejista de artigos de colchoaria	2.642	70%
Comércio varejista de materiais de construção não especificados anteriormente	1.963	69%
Comércio varejista de gás liquefeito de petróleo (GLP)	4.260	67%
Comércio varejista de madeira e artefatos	2.147	67%
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados	2.304	67%
Comércio varejista de mercadorias em lojas de conveniência	1.065	64%
Comércio atacadista de artigos do vestuário e acessórios, exceto profissionais e de segurança	1.028	54%
Outros representantes comerciais e agentes do comércio especializado em produtos não especificados anteriormente	1.587	52%
Representantes comerciais e agentes do comércio de têxteis, vestuário, calçados e artigos de viagem	1.688	52%
Comércio atacadista de produtos alimentícios em geral	1.212	52%
Representantes comerciais e agentes do comércio de mercadorias em geral não especializado	4.351	51%
Comércio a varejo de automóveis, camionetas e utilitários usados	2.156	50%
Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores	1.993	47%
Representantes comerciais e agentes do comércio de madeira, material de construção e ferragens	1.601	47%
Representantes comerciais e agentes do comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo	2.325	46%
Representantes comerciais e agentes do comércio de medicamentos, cosméticos e produtos de perfumaria	1.346	43%
<b>TOTAL</b>	<b>630.541</b>	<b>77%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 5 - NÚMERO DE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, NA CONSTRUÇÃO**

Construção	Total de empresas constituídas em 2012	Taxa de sobrevivência (2 anos)
Aplicação de revestimentos e de resinas em interiores e exteriores	3.066	86%
Instalações hidráulicas, sanitárias e de gás	3.191	85%
Obras de alvenaria	43.512	85%
Serviços de pintura de edifícios em geral	19.315	85%
Obras de acabamento em gesso e estuque	3.810	85%
Instalação e manutenção elétrica	25.328	85%
Instalação e manutenção de sistemas centrais de ar condicionado, de ventilação e refrigeração	5.240	84%

Instalação de portas, janelas, tetos, divisórias e armários embutidos de qualquer material	2.166	82%
Outras obras de acabamento da construção	4.385	74%
Serviços especializados para construção não especificados anteriormente	1.726	63%
Obras de terraplenagem	1.694	60%
Construção de edifícios	14.932	49%
<b>TOTAL</b>	<b>135.913</b>	<b>79%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 6 - NÚMERO DE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, NO SETOR DE SERVIÇOS**

Serviços	Total de empresas constituídas em 2012	Taxa de sobrevivência (2 anos)
Serviços de tatuagem e colocação de <i>piercing</i>	1.726	90%
Cabeleireiros, manicure e pedicure	75.383	90%
Produção teatral	1.381	88%
Atividades de Estética e outros serviços de cuidados com a beleza	32.273	88%
Casas lotéricas	1.305	87%
Atividades de sonorização e de iluminação	3.062	87%
Atividades de produção de fotografias, exceto aérea e submarina	7.695	86%
Serviços ambulantes de alimentação	17.132	86%
Ensino de música	2.014	85%
Ensino de arte e cultura não especificado anteriormente	3.913	85%
Marketing direto	9.310	84%
Filmagem de festas e eventos	1.680	84%
Serviço de táxi	8.005	84%
Produção musical	5.261	84%
Outros alojamentos não especificados anteriormente	1.501	83%
Aluguel de equipamentos recreativos e esportivos	1.685	83%
Serviços de entrega rápida	7.381	83%
Salas de acesso à internet	3.456	83%
Aluguel de móveis, utensílios e aparelhos de uso doméstico e pessoal; instrumentos musicais	1.781	82%
Outras atividades de publicidade não especificadas anteriormente	2.893	82%
Serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas	18.760	82%
Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas	28.402	81%
Outras atividades de serviços pessoais não especificadas anteriormente	2.136	81%
Higiene e embelezamento de animais domésticos	3.318	80%

Lavanderias	2.606	80%
Ensino de idiomas	2.184	80%
Transporte rodoviário de mudanças	1.890	80%
Promoção de vendas	17.071	79%
Cantinas - serviços de alimentação privativos	1.396	79%
Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente	10.586	79%
Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	41.448	79%
Reparação e manutenção de computadores e de equipamentos periféricos	17.387	79%
Carga e descarga	1.344	78%
Outras atividades de telecomunicações não especificadas anteriormente	2.319	77%
Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, municipal	5.324	77%
Imunização e controle de pragas urbanas	1.239	77%
Treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial	9.051	77%
Atividades de fornecimento de infra estrutura de apoio e assistência a paciente no domicílio	2.224	77%
Fotocópias	1.613	77%
Atividades de contabilidade	9.512	76%
Transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças, municipal	16.865	76%
Atividade médica ambulatorial restrita a consultas	4.250	76%
Restaurantes e similares	26.975	75%
Atividade médica ambulatorial com recursos para realização de exames complementares	1.081	75%
Serviços de desenho técnico relacionados à arquitetura e engenharia	1.356	75%
Transporte escolar	5.009	75%
Treinamento em informática	2.771	74%
Suporte técnico, manutenção e outros serviços em tecnologia da informação	4.288	74%
Casas de festas e eventos	2.507	73%
Outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente	1.670	72%
Serviços de malote não realizados pelo Correio Nacional	1.341	72%
Agências de viagens	4.858	72%
Preparação de documentos e serviços especializados de apoio administrativo não especificados anteriormente	9.315	72%
Aluguel de outras máquinas e equipamentos comerciais e industriais não especificados anteriormente, sem operador	1.293	71%
Cursos preparatórios para concursos	1.466	71%
Serviços combinados de escritório e apoio administrativo	11.862	71%
Tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet	1.523	70%
Estacionamento de veículos	2.572	69%

Transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças, intermunicipal, interestadual e internacional	20.288	69%
Aluguel de máquinas e equipamentos para construção sem operador, exceto andaimes	1.868	68%
Outras atividades de serviços prestados principalmente às empresas não especificadas anteriormente	3.968	68%
Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda	2.759	66%
Serviços de arquitetura	1.157	65%
Atividade odontológica	2.875	64%
Atividades de condicionamento físico	4.097	64%
Serviços advocatícios	2.714	63%
Atividades de cobrança e informações cadastrais	4.609	63%
Corretores e agentes de seguros, de planos de previdência complementar e de saúde	1.986	62%
Consultoria em tecnologia da informação	1.323	61%
Serviços combinados para apoio a edifícios, exceto condomínios prediais	1.428	61%
Hotéis	2.185	60%
Limpeza em prédios e em domicílios	1.432	59%
Serviços de engenharia	4.093	58%
Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet	1.606	55%
Atividades de fisioterapia	1.337	55%
Outras atividades profissionais, científicas e técnicas não especificadas anteriormente	1.411	54%
Atividades de consultoria em gestão empresarial, exceto consultoria técnica específica	6.054	53%
Corretagem na compra e venda e avaliação de imóveis	2.893	51%
Agências de publicidade	1.149	50%
Serviço de transporte de passageiros - locação de automóveis com motorista	1.333	49%
Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, intermunicipal, interestadual e internacional	1.131	49%
Aluguel de imóveis próprios	2.786	47%
Locação de automóveis sem condutor	1.936	47%
Gestão e administração da propriedade imobiliária	2.353	44%
Atividades de intermediação e agenciamento de serviços e negócios em geral, exceto imobiliários	1.320	41%
Compra e venda de imóveis próprios	3.328	35%
Incorporação de empreendimentos imobiliários	6.196	32%
Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, municipal	1.506	25%
<b>TOTAL</b>	<b>618.532</b>	<b>75%</b>

Fonte: Sebrae

### 3.6. Resultados por regiões do país

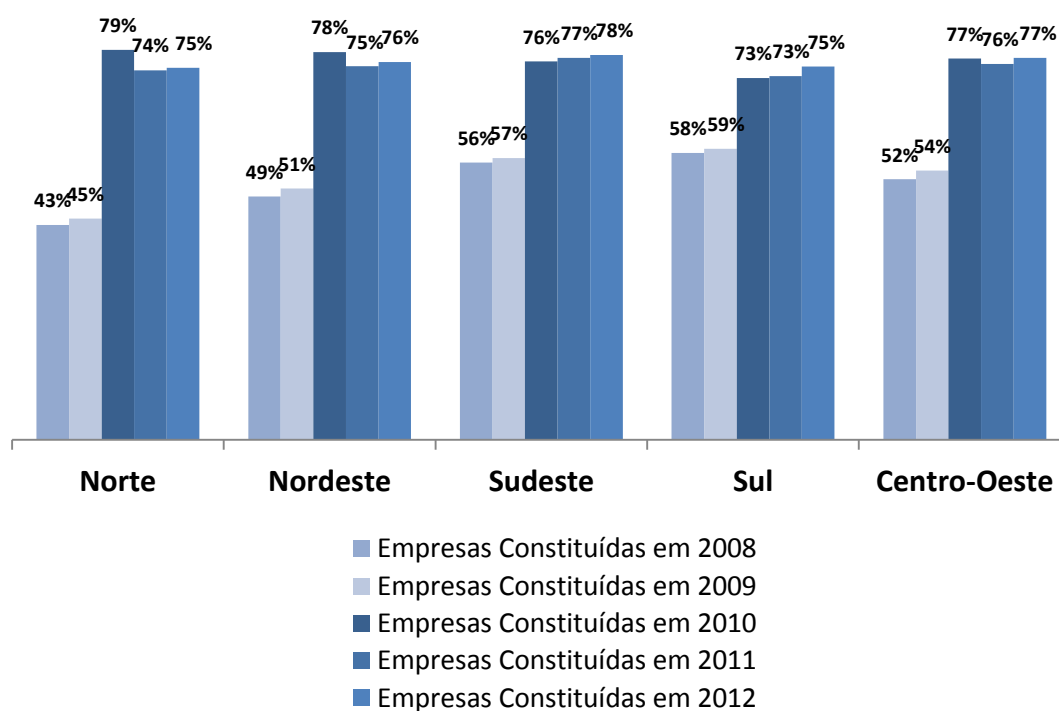
Por regiões do país (Gráfico 14), verifica-se que, em 2012, a taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos foi maior nas empresas constituídas na região Sudeste (78%), seguida pela taxa do Centro-Oeste (77%), Nordeste (76%) e pelas regiões Norte e Sul (ambas com 75%).

De forma complementar, as taxas de mortalidade de empresas com até 2 anos, para as empresas nascidas em 2012, foram respectivamente: Sudeste (22%), Centro-Oeste (23%), Nordeste (24%) e Norte e Sul (ambas com 25%)

Como as empresas do setor industrial apresentam taxas de sobrevivência mais elevadas, em parte, isso ajuda a explicar o melhor desempenho relativo das regiões Sudeste, onde é muito forte a presença de empresas industriais. A região Sudeste responde por cerca de 48% das micro e pequenas empresas industriais do país (SEBRAE/DIEESE, 2014).

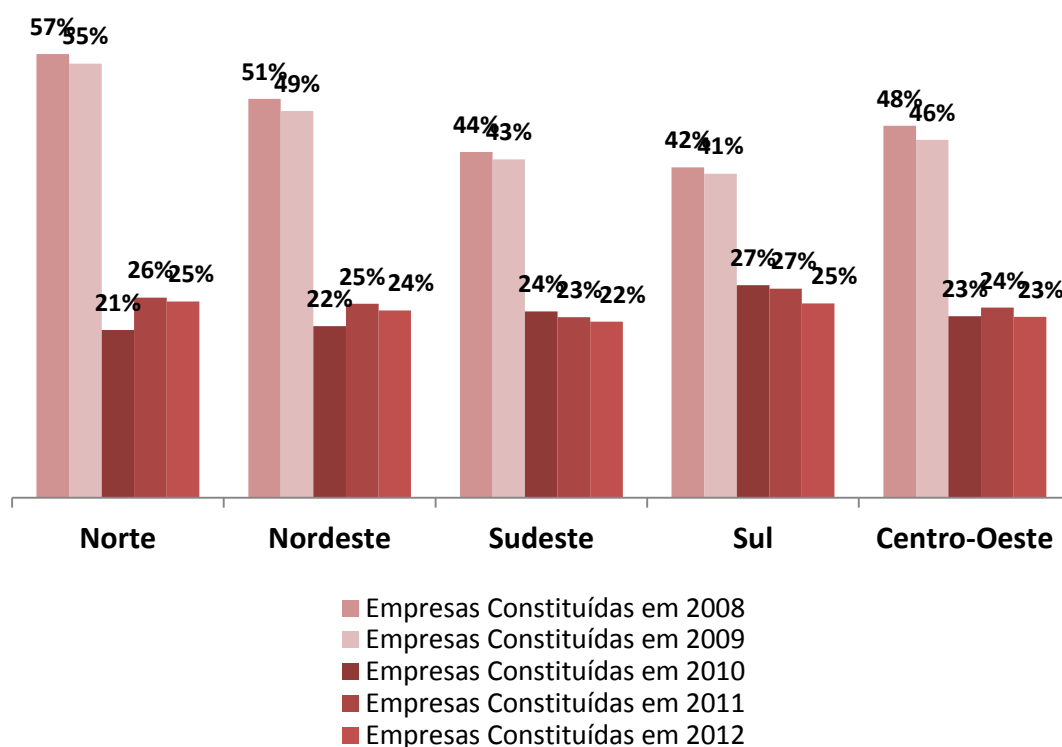
Sob o ponto de vista da série histórica, todas as regiões foram beneficiadas pelo aumento do número de MEI e pela expansão do PIB durante no período.

**GRÁFICO 14 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR REGIÃO**



Fonte: Sebrae

**GRÁFICO 15 – TAXA DE MORTALIDADE DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR REGIÃO**



Fonte: Sebrae

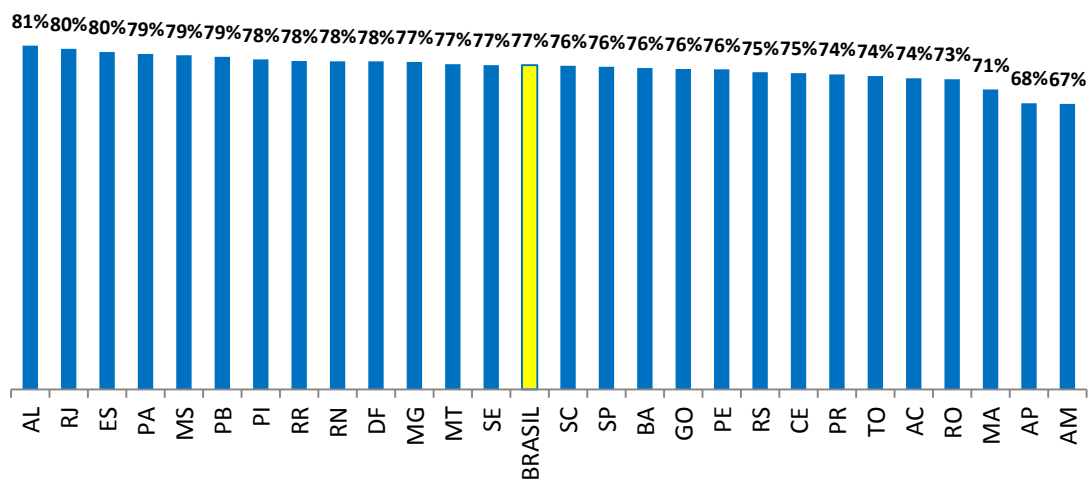
### 3.7. Resultados por Unidades da Federação

Entre as Unidades da Federação, verificam-se taxas de sobrevivência de empresas com até 2 anos muito diferentes (Gráfico 16). Treze UF apresentam taxas de sobrevivência das empresas criadas em 2012 superiores à média nacional. São destaques os estados de Alagoas (81%), Rio de Janeiro (80%) e Espírito Santo (80%).

Quatorze UF apresentam taxas de sobrevivência inferiores à média nacional. Os estados do Amazonas, Amapá e Maranhão são os que apresentam taxas de sobrevivência mais baixas, com respectivamente 67%, 68% e 71% de taxa de sobrevivência para empresas com até 2 anos.

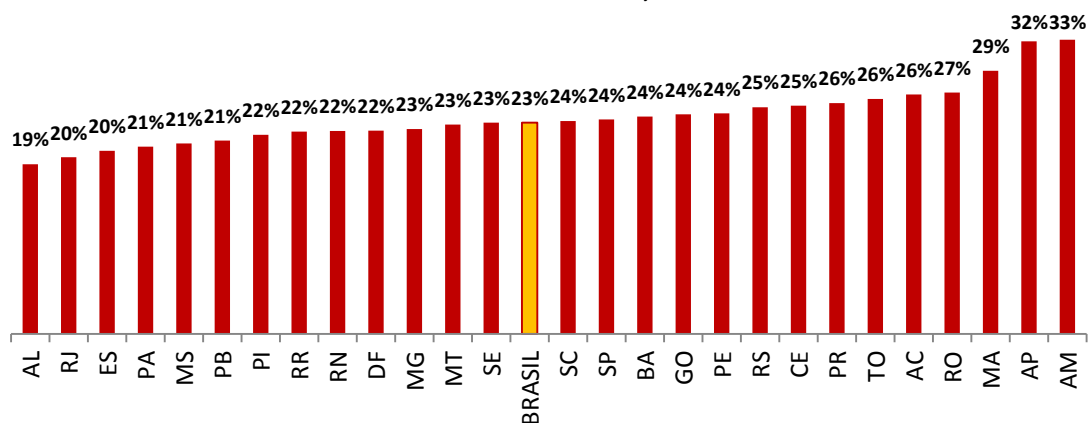
Em todas as regiões e em todos os estados houve um salto da taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos, das empresas criadas em 2010. Novamente, contribuíram para isso o crescimento do número de MEI e a expansão do PIB.

**GRÁFICO 16 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DAS EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, POR UF**



Fonte: Sebrae

**GRÁFICO 17 – TAXA DE MORTALIDADE DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, POR UF**



Fonte: Sebrae



**TABELA 7 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, EVOLUÇÃO POR UF**

Região / UF	Empresas constituídas em 2008	Empresas constituídas em 2009	Empresas constituídas em 2010	Empresas constituídas em 2011	Empresas constituídas em 2012
<b>Norte</b>	<b>43,3%</b>	<b>44,5%</b>	<b>78,5%</b>	<b>74,4%</b>	<b>74,9%</b>
Pará	44,7%	46,6%	80,2%	77,6%	79,3%
Roraima	46,6%	45,7%	80,3%	79,3%	77,7%
Tocantins	49,9%	51,6%	82,3%	76,3%	74,1%
Acre	35,5%	35,4%	77,6%	73,4%	73,6%
Rondônia	53,1%	53,9%	78,8%	73,7%	73,4%
Amapá	29,7%	33,7%	72,2%	70,9%	67,7%
Amazonas	36,0%	35,8%	74,2%	66,6%	67,5%
<b>Nordeste</b>	<b>49,0%</b>	<b>50,6%</b>	<b>78,1%</b>	<b>75,2%</b>	<b>76,1%</b>
Alagoas	50,8%	55,4%	81,7%	80,7%	81,2%
Paraíba	58,0%	60,9%	80,0%	77,7%	78,6%
Piauí	54,4%	55,8%	76,5%	78,2%	78,0%
Rio Grande do Norte	49,3%	54,7%	78,3%	77,2%	77,6%
Sergipe	53,6%	53,9%	80,1%	76,6%	76,7%
Bahia	47,9%	48,3%	81,2%	75,5%	76,0%
Pernambuco	48,6%	49,6%	76,8%	73,9%	75,7%
Ceará	48,2%	50,6%	70,6%	73,3%	74,8%
Maranhão	43,0%	44,3%	73,8%	70,7%	70,9%
<b>Sudeste</b>	<b>55,8%</b>	<b>56,7%</b>	<b>76,2%</b>	<b>76,9%</b>	<b>77,5%</b>
Rio de Janeiro	52,6%	50,2%	83,0%	81,9%	80,5%
Espírito Santo	55,1%	60,0%	79,0%	80,0%	79,8%
Minas Gerais	59,5%	60,1%	77,2%	77,3%	77,4%
São Paulo	55,4%	57,1%	72,6%	74,7%	76,3%
<b>Sul</b>	<b>57,8%</b>	<b>58,6%</b>	<b>72,8%</b>	<b>73,3%</b>	<b>75,1%</b>
Santa Catarina	59,1%	59,0%	74,7%	75,5%	76,5%
Rio Grande do Sul	56,8%	57,3%	72,2%	72,8%	75,0%
Paraná	58,0%	59,6%	72,3%	72,4%	74,5%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>52,5%</b>	<b>54,2%</b>	<b>76,8%</b>	<b>75,7%</b>	<b>76,9%</b>
Mato Grosso do Sul	53,4%	54,7%	80,6%	78,4%	79,0%
Distrito Federal	53,5%	57,1%	75,1%	75,7%	77,6%
Mato Grosso	49,6%	50,7%	76,8%	76,0%	76,9%
Goiás	53,1%	53,8%	75,9%	74,5%	75,7%
<b>BRASIL</b>	<b>54,2%</b>	<b>55,4%</b>	<b>76,2%</b>	<b>75,8%</b>	<b>76,6%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 8 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2008, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO E SETORES**

Região / UF	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
<b>Norte</b>	<b>42,4%</b>	<b>35,0%</b>	<b>46,1%</b>	<b>39,5%</b>	<b>43,3%</b>
Rondônia	55,6%	41,9%	57,7%	45,3%	53,1%
Tocantins	44,7%	42,6%	53,7%	44,8%	49,9%
Roraima	38,8%	38,6%	52,0%	39,2%	46,6%
Pará	42,9%	35,8%	46,8%	42,4%	44,7%
Amazonas	36,8%	32,0%	37,9%	33,4%	36,0%
Acre	36,1%	36,3%	36,4%	33,4%	35,5%
Amapá	27,6%	20,1%	31,7%	29,1%	29,7%
<b>Nordeste</b>	<b>49,9%</b>	<b>41,0%</b>	<b>51,4%</b>	<b>45,2%</b>	<b>49,0%</b>
Paraíba	55,3%	52,7%	61,1%	52,2%	58,0%
Piauí	58,5%	48,5%	58,6%	44,6%	54,4%
Sergipe	56,6%	43,4%	55,4%	51,7%	53,6%
Alagoas	46,9%	45,6%	52,3%	49,1%	50,8%
Rio Grande do Norte	51,5%	42,1%	52,2%	45,6%	49,3%
Pernambuco	50,8%	47,5%	49,1%	46,9%	48,6%
Ceará	48,1%	37,8%	52,7%	41,0%	48,2%
Bahia	48,9%	39,3%	49,8%	45,5%	47,9%
Maranhão	41,0%	29,3%	46,2%	37,7%	43,0%
<b>Sudeste</b>	<b>62,7%</b>	<b>53,6%</b>	<b>56,4%</b>	<b>54,0%</b>	<b>55,8%</b>
Espírito Santo	55,4%	49,6%	56,7%	53,7%	55,1%
Minas Gerais	62,0%	56,9%	61,2%	57,0%	59,5%
Rio de Janeiro	55,4%	50,2%	54,0%	51,0%	52,6%
São Paulo	65,6%	53,8%	55,3%	54,0%	55,4%
<b>Sul</b>	<b>63,3%</b>	<b>56,3%</b>	<b>58,0%</b>	<b>55,7%</b>	<b>57,8%</b>
Paraná	62,2%	53,6%	57,9%	57,3%	58,0%
Rio Grande do Sul	63,1%	55,9%	57,1%	54,4%	56,8%
Santa Catarina	64,8%	60,8%	59,9%	55,6%	59,1%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>54,2%</b>	<b>49,7%</b>	<b>53,6%</b>	<b>50,5%</b>	<b>52,5%</b>
Distrito Federal	57,1%	53,0%	51,9%	54,7%	53,5%
Goiás	53,4%	48,1%	55,5%	49,1%	53,1%
Mato Grosso do Sul	56,3%	50,0%	54,8%	51,1%	53,4%
Mato Grosso	53,3%	48,7%	51,0%	46,2%	49,6%
<b>BRASIL</b>	<b>59,2%</b>	<b>50,5%</b>	<b>54,9%</b>	<b>52,5%</b>	<b>54,2%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 9 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2009, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO E SETORES**

Região / UF	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
<b>Norte</b>	<b>43,2%</b>	<b>35,2%</b>	<b>47,1%</b>	<b>41,7%</b>	<b>44,5%</b>
Rondônia	54,8%	50,2%	57,8%	47,7%	53,9%
Tocantins	44,6%	34,9%	55,0%	49,4%	51,6%
Pará	46,0%	39,4%	48,6%	43,9%	46,6%
Roraima	45,7%	34,5%	52,2%	36,3%	45,7%
Amazonas	33,7%	30,1%	37,5%	34,8%	35,8%
Acre	44,3%	32,1%	35,1%	34,5%	35,4%
Amapá	26,2%	15,9%	38,8%	29,5%	33,7%
<b>Nordeste</b>	<b>50,6%</b>	<b>42,6%</b>	<b>53,2%</b>	<b>46,9%</b>	<b>50,6%</b>
Paraíba	58,3%	57,2%	64,3%	55,6%	60,9%
Piauí	55,9%	43,2%	59,0%	50,1%	55,8%
Alagoas	61,1%	47,8%	56,2%	53,4%	55,4%
Rio Grande do Norte	56,8%	45,7%	59,0%	49,1%	54,7%
Sergipe	53,1%	47,1%	54,6%	54,0%	53,9%
Ceará	48,7%	41,8%	54,7%	45,4%	50,6%
Pernambuco	51,2%	45,1%	51,3%	46,2%	49,6%
Bahia	47,5%	41,1%	50,4%	45,8%	48,3%
Maranhão	43,4%	30,3%	47,8%	38,5%	44,3%
<b>Sudeste</b>	<b>60,6%</b>	<b>55,1%</b>	<b>57,5%</b>	<b>55,3%</b>	<b>56,7%</b>
Minas Gerais	61,8%	59,4%	61,5%	58,0%	60,1%
Espírito Santo	61,6%	57,5%	61,7%	57,8%	60,0%
São Paulo	64,7%	56,1%	57,0%	56,0%	57,1%
Rio de Janeiro	48,1%	45,8%	52,5%	49,0%	50,2%
<b>Sul</b>	<b>62,1%</b>	<b>56,0%</b>	<b>59,1%</b>	<b>57,0%</b>	<b>58,6%</b>
Paraná	63,0%	57,9%	59,6%	58,6%	59,6%
Rio Grande do Sul	61,3%	55,3%	57,5%	56,2%	57,3%
Santa Catarina	62,1%	54,7%	61,2%	56,0%	59,0%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>58,2%</b>	<b>50,5%</b>	<b>55,5%</b>	<b>52,0%</b>	<b>54,2%</b>
Distrito Federal	59,3%	56,7%	56,8%	57,0%	57,1%
Mato Grosso do Sul	59,2%	48,5%	55,4%	53,7%	54,7%
Goiás	58,5%	48,2%	56,5%	48,6%	53,8%
Mato Grosso	55,5%	46,5%	51,8%	48,1%	50,7%
<b>BRASIL</b>	<b>58,7%</b>	<b>52,1%</b>	<b>56,2%</b>	<b>53,9%</b>	<b>55,4%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 10 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2010, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO E SETORES**

<b>Região / UF</b>	<b>Indústria</b>	<b>Construção</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>	<b>Total</b>
<b>Norte</b>	<b>86,0%</b>	<b>70,7%</b>	<b>77,1%</b>	<b>79,1%</b>	<b>78,5%</b>
Tocantins	87,8%	84,2%	79,6%	83,0%	82,3%
Roraima	83,3%	74,2%	79,8%	80,9%	80,3%
Pará	87,3%	70,9%	79,0%	80,7%	80,2%
Rondônia	85,3%	80,9%	76,5%	79,0%	78,8%
Acre	82,5%	63,0%	77,2%	79,3%	77,6%
Amazonas	84,3%	56,2%	73,9%	74,2%	74,2%
Amapá	82,2%	54,5%	69,5%	75,4%	72,2%
<b>Nordeste</b>	<b>83,4%</b>	<b>76,5%</b>	<b>76,8%</b>	<b>77,9%</b>	<b>78,1%</b>
Alagoas	88,4%	74,8%	80,7%	81,8%	81,7%
Bahia	87,7%	83,0%	79,1%	81,2%	81,2%
Sergipe	84,3%	78,4%	79,6%	79,2%	80,1%
Paraíba	84,3%	74,2%	80,2%	78,5%	80,0%
Rio Grande do Norte	84,1%	72,5%	78,5%	76,6%	78,3%
Pernambuco	81,1%	78,5%	74,7%	77,5%	76,8%
Piauí	82,8%	69,1%	75,6%	76,2%	76,5%
Maranhão	80,5%	64,4%	72,9%	74,6%	73,8%
Ceará	75,2%	59,2%	71,4%	68,4%	70,6%
<b>Sudeste</b>	<b>83,9%</b>	<b>78,3%</b>	<b>75,7%</b>	<b>73,8%</b>	<b>76,2%</b>
Rio de Janeiro	88,9%	84,4%	82,9%	80,5%	83,0%
Espírito Santo	82,7%	77,3%	78,2%	78,6%	79,0%
Minas Gerais	81,9%	77,8%	77,1%	75,6%	77,2%
São Paulo	82,1%	76,1%	71,8%	70,3%	72,6%
<b>Sul</b>	<b>77,4%</b>	<b>78,8%</b>	<b>71,0%</b>	<b>71,4%</b>	<b>72,8%</b>
Santa Catarina	78,6%	80,1%	74,0%	72,3%	74,7%
Paraná	77,2%	77,3%	70,1%	71,9%	72,3%
Rio Grande do Sul	76,8%	79,2%	70,3%	70,5%	72,2%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>82,3%</b>	<b>77,9%</b>	<b>76,0%</b>	<b>75,3%</b>	<b>76,8%</b>
Distrito Federal	83,3%	72,2%	75,1%	73,5%	75,1%
Goiás	81,2%	75,5%	75,4%	74,3%	75,9%
Mato Grosso do Sul	83,3%	86,9%	79,6%	79,6%	80,6%
Mato Grosso	83,4%	79,3%	75,1%	76,0%	76,8%
<b>BRASIL</b>	<b>82,7%</b>	<b>77,7%</b>	<b>75,4%</b>	<b>74,6%</b>	<b>76,2%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 11 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2011, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO E SETORES**

Região / UF	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
<b>Norte</b>	<b>80,5%</b>	<b>67,3%</b>	<b>74,1%</b>	<b>74,1%</b>	<b>74,4%</b>
Roraima	81,7%	78,6%	78,1%	80,4%	79,3%
Pará	83,7%	69,9%	77,5%	76,6%	77,6%
Tocantins	82,0%	77,6%	74,4%	76,8%	76,3%
Rondônia	76,7%	72,6%	72,4%	74,9%	73,7%
Acre	80,0%	54,4%	73,0%	76,2%	73,4%
Amapá	75,2%	56,1%	71,0%	71,8%	70,9%
Amazonas	76,0%	53,7%	66,9%	65,6%	66,6%
<b>Nordeste</b>	<b>79,0%</b>	<b>71,7%</b>	<b>75,1%</b>	<b>74,5%</b>	<b>75,2%</b>
Alagoas	85,1%	73,1%	80,1%	81,2%	80,7%
Piauí	83,0%	72,5%	77,4%	78,3%	78,2%
Paraíba	81,7%	67,3%	78,7%	76,3%	77,7%
Rio Grande do Norte	80,5%	72,9%	78,1%	75,6%	77,2%
Sergipe	78,7%	72,6%	77,2%	75,7%	76,6%
Bahia	80,0%	76,7%	74,7%	74,8%	75,5%
Pernambuco	77,0%	74,5%	72,8%	74,0%	73,9%
Ceará	76,3%	60,8%	74,4%	71,6%	73,3%
Maranhão	77,6%	59,6%	71,3%	69,3%	70,7%
<b>Sudeste</b>	<b>83,2%</b>	<b>79,0%</b>	<b>76,6%</b>	<b>74,8%</b>	<b>76,9%</b>
Rio de Janeiro	86,8%	83,5%	82,0%	79,7%	81,9%
Espírito Santo	83,3%	79,5%	79,4%	79,6%	80,0%
Minas Gerais	81,3%	77,3%	77,2%	76,0%	77,3%
São Paulo	82,3%	78,0%	74,2%	72,4%	74,7%
<b>Sul</b>	<b>76,9%</b>	<b>78,7%</b>	<b>71,3%</b>	<b>72,3%</b>	<b>73,3%</b>
Santa Catarina	79,1%	80,2%	74,3%	73,6%	75,5%
Rio Grande do Sul	75,7%	79,0%	70,7%	72,1%	72,8%
Paraná	76,6%	77,5%	70,2%	71,7%	72,4%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>80,1%</b>	<b>75,4%</b>	<b>74,9%</b>	<b>75,2%</b>	<b>75,7%</b>
Distrito Federal	82,8%	72,5%	75,3%	74,8%	75,7%
Goiás	78,0%	73,1%	73,9%	74,1%	74,5%
Mato Grosso do Sul	83,1%	82,8%	77,1%	77,5%	78,4%
Mato Grosso	80,7%	76,2%	74,8%	76,0%	76,0%
<b>BRASIL</b>	<b>81,0%</b>	<b>77,2%</b>	<b>75,1%</b>	<b>74,4%</b>	<b>75,8%</b>

Fonte: Sebrae

**TABELA 12 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO E SETORES**

Região / UF	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
<b>Norte</b>	<b>79,1%</b>	<b>69,0%</b>	<b>75,4%</b>	<b>73,8%</b>	<b>74,9%</b>
Pará	82,7%	73,1%	79,7%	78,4%	79,3%
Roraima	81,4%	78,9%	76,4%	78,2%	77,7%
Tocantins	77,5%	74,4%	74,6%	72,2%	74,1%
Acre	76,3%	56,4%	74,0%	74,8%	73,6%
Rondônia	76,2%	74,3%	72,2%	73,9%	73,4%
Amapá	70,2%	61,7%	67,9%	67,9%	67,7%
Amazonas	73,9%	55,0%	69,1%	65,5%	67,5%
<b>Nordeste</b>	<b>79,0%</b>	<b>72,8%</b>	<b>76,5%</b>	<b>74,9%</b>	<b>76,1%</b>
Alagoas	84,6%	76,9%	81,4%	80,6%	81,2%
Paraíba	82,9%	70,8%	79,0%	77,9%	78,6%
Piauí	83,0%	75,3%	78,7%	75,6%	78,0%
Rio Grande do Norte	81,3%	71,5%	79,0%	75,5%	77,6%
Sergipe	76,6%	73,6%	78,0%	75,6%	76,7%
Bahia	79,2%	76,0%	75,7%	75,3%	76,0%
Pernambuco	78,0%	76,0%	75,5%	74,9%	75,7%
Ceará	77,0%	66,2%	76,3%	72,7%	74,8%
Maranhão	74,8%	61,2%	72,3%	68,8%	70,9%
<b>Sudeste</b>	<b>81,6%</b>	<b>80,5%</b>	<b>77,6%</b>	<b>75,6%</b>	<b>77,5%</b>
Rio de Janeiro	83,7%	82,4%	81,3%	78,4%	80,5%
Espírito Santo	82,4%	82,9%	79,2%	78,5%	79,8%
Minas Gerais	79,8%	78,3%	77,5%	76,3%	77,4%
São Paulo	81,4%	80,5%	76,3%	74,1%	76,3%
<b>Sul</b>	<b>77,3%</b>	<b>80,7%</b>	<b>74,0%</b>	<b>73,6%</b>	<b>75,1%</b>
Santa Catarina	78,8%	82,2%	75,7%	74,3%	76,5%
Rio Grande do Sul	76,6%	80,3%	73,5%	73,9%	75,0%
Paraná	77,0%	80,1%	73,5%	72,8%	74,5%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>79,3%</b>	<b>78,1%</b>	<b>76,8%</b>	<b>75,8%</b>	<b>76,9%</b>
Mato Grosso do Sul	80,5%	84,0%	79,4%	76,5%	79,0%
Distrito Federal	81,1%	76,5%	77,9%	76,5%	77,6%
Mato Grosso	78,7%	79,4%	76,1%	76,5%	76,9%
Goiás	78,4%	75,3%	75,7%	74,8%	75,7%
<b>BRASIL</b>	<b>80,1%</b>	<b>78,9%</b>	<b>76,6%</b>	<b>75,1%</b>	<b>76,6%</b>

Fonte: Sebrae

### 3.8. Resultados por capitais

Entre as capitais (Tabela 11), as três maiores taxas de sobrevivência de empresas com até dois anos são as de Belém-PA (83,7%), Maceió-AL (83,5%) e Salvador-BA (79,7%). As três menores taxas de sobrevivência são as de Manaus-AM (62,8%), Macapá-AP (67,9%) e Porto Velho-RO (70%).

Em 17 UF, as taxas de sobrevivência nas capitais são menores que as verificadas na média de seus respectivos estados. A taxa média de sobrevivência das empresas nas capitais é de 75,4%, enquanto a taxa média nacional é de 76,6%. Em parte, o despenho menos favorável de algumas capitais pode estar associado a:

- Problemas de infraestrutura (por falta de infraestrutura adequada);
- “Deseconomias de aglomeração”, que aparecem à medida em que as cidades crescem em tamanho (também afetam a infraestrutura). São exemplos: o crescimento desorganizado dos centros urbanos, o elevado custo do espaço urbano (valores muito alto dos aluguéis, dos preços dos imóveis, do IPTU, etc.), a força dos sindicatos que gera elevação dos salários, as dificuldades de mobilidade e logística (devido a sistemas de transporte deficientes, congestionamentos que ampliam os custos dos deslocamentos, dificuldade de acesso dos clientes e do transporte de cargas), as regulamentações municipais que podem gerar despesas maiores para as empresas, o aumento da poluição e da criminalidade e outros problemas de infraestrutura (estrangulamentos nos sistemas de abastecimento de energia, água, transporte e comunicações). Estes fenômenos ajudam a explicar, por exemplo, a fuga da indústria das grandes metrópoles, em todo mundo, na direção de cidades menores.
- Alta concentração de empresas em relação ao mercado consumidor, o que pode gerar “sobre oferta” de produtos e serviços específicos, frente à demanda (em especial nos setores mais tradicionais);

A despeito dos fatores citados acima, não se pode deixar de lembrar que a sobrevivência depende também de outros fatores, que podem ser determinantes no resultado em cada município, tais como as características dos seus Donos (o planejamento prévio à abertura, a gestão do negócio, atitude empreendedora, etc.) e do ambiente no qual está inserida a empresa

(existência de Lei Geral Municipal, custo das tarifas públicas, qualidade dos serviços públicos disponíveis etc.).

**TABELA 13 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, NAS CAPITALS**

	Capital	Total de empresas constituídas em 2012	Posição entre as Capitais do País	Posição entre as Capitais da Região	Taxa de sobrevivência (2 anos)
Norte	PA Belém	9.837	1	1	83,7%
	RR Boa Vista	2.270	7	2	78,1%
	TO Palmas	3.236	22	3	72,2%
	AC Rio Branco	2.520	23	4	71,3%
	RO Porto Velho	3.993	25	5	70,0%
	AP Macapá	2.469	26	6	67,9%
	AM Manaus	10.211	27	7	62,8%
Nordeste	AL Maceió	8.302	2	1	83,5%
	BA Salvador	26.073	3	2	79,7%
	PI Teresina	6.409	6	3	79,0%
	RN Natal	7.378	9	4	77,2%
	SE Aracaju	4.568	11	5	76,6%
	PB João Pessoa	5.954	12	6	76,3%
	CE Fortaleza	23.069	16	7	75,2%
	PE Recife	14.763	17	8	74,8%
	MA São Luís	6.699	18	9	74,7%
Sudeste	RJ Rio de Janeiro	52.988	5	1	79,2%
	ES Vitória	3.894	10	2	76,9%
	MG Belo Horizonte	33.606	13	3	76,0%
	SP São Paulo	150.465	15	4	75,3%
Sul	PR Curitiba	21.972	20	1	74,5%
	SC Florianópolis	6.166	21	2	73,4%
	RS Porto Alegre	17.062	24	3	71,1%
Centro-Oeste	MS Campo Grande	9.269	4	1	79,4%
	DF Brasília	32.236	8	2	77,6%
	MT Cuiabá	7.314	14	3	75,5%
	GO Goiânia	18.254	19	4	74,7%

Fonte: Sebrae



Para as empresas com até 2 anos constituídas em 2012, a maior diferença relativa entre a média do estado e a taxa da capital foi registrada em Manaus-AM e em Porto Alegre-RS. A taxa de sobrevivência em Manaus (62,8%) ficou quase 7% abaixo da média do seu estado (67,5%). A taxa de sobrevivência em Porto Alegre (71,1%) ficou 5,1% abaixo da média do seu estado (75%).

### **3.9. Resultados para os principais municípios**

Nesta seção, são apresentadas as taxas de sobrevivência de empresas com até 2 anos constituídas em 2012, nos principais municípios de cada Estado. Foram consideradas apenas as cidades com 500 ou mais empresas constituídas naquele ano. Assim, por exemplo, no caso do Acre (Tabela 12), apenas o município de Rio Branco apresentou mais de 500 empresas constituídas em 2010. Neste município a taxa de sobrevivência foi de 71,3%. Outro exemplo, no Estado de Alagoas (Tabela 13), três municípios apresentaram 500 ou mais empresas constituídas em 2012: Maceió (com 83,5% de taxa de sobrevivência), Rio Largo (83% de sobrevivência) e Arapiraca (com 80,5% de taxa de sobrevivência).

Ao todo, são expostas as taxas de sobrevivência de 454 municípios. Dentro desse conjunto de municípios, a cidade com maior taxa de sobrevivência foi Ouro Preto (MG), com 86% de taxa de sobrevivência para empresas com até 2 anos. Entre as 10 cidades com maiores taxas de sobrevivência, 6 estão no estado do Rio de Janeiro: Belford Roxo (84,8%), São Gonçalo (84,6%), Teresópolis (84,1%), Valença (84,0%), Mesquita (83,9%) e Nova Iguaçu (83,7%).

No outro extremo, as menores taxas de sobrevivências foram registradas em Manaus-AM (62,8%), Itanhaém-SP (63,9%) e Eusébio-CE (64,2%).

Os dados dos 454 municípios, com 500 ou mais constituições em 2012, são apresentados na tabela a seguir, organizada em ordem alfabética por Estado.

**TABELA 14 - TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, PARA EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2012, NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS (\*)**

UF	Município	Total de empresas constituídas em 2012	Taxa de sobrevivência (2 anos)
Acre	Rio Branco	2.520	71,3%
Alagoas	Maceió	8.302	83,5%
Alagoas	Rio Largo	541	83,0%
Alagoas	Arapiraca	1.670	80,5%
Amapá	Macapá	2.469	67,9%
Amazonas	Manaus	10.211	62,8%
Bahia	Teixeira de Freitas	1.708	80,2%
Bahia	Paulo Afonso	626	79,7%
Bahia	Salvador	26.073	79,7%
Bahia	Guanambi	552	77,4%
Bahia	Feira de Santana	5.190	77,2%
Bahia	Jacobina	558	76,5%
Bahia	Alagoinhas	921	76,4%
Bahia	Santo Antônio de Jesus	909	76,0%
Bahia	Serrinha	507	75,5%
Bahia	Porto Seguro	1.262	75,4%
Bahia	Itamaraju	553	75,4%
Bahia	Juazeiro	1.308	75,3%
Bahia	Ilhéus	1.516	74,9%
Bahia	Luís Eduardo Magalhães	1.328	74,5%
Bahia	Vitória da Conquista	3.029	74,5%
Bahia	Barreiras	1.184	74,0%
Bahia	Jequié	1.101	73,6%
Bahia	Camaçari	2.108	72,6%
Bahia	Itapetinga	505	71,9%
Bahia	Lauro de Freitas	2.443	69,3%
Bahia	Eunápolis	726	69,3%
Bahia	Simões Filho	1.214	69,2%
Bahia	Senhor do Bonfim	519	66,9%
Bahia	Itabuna	1.844	65,2%
Ceará	Itapipoca	610	80,3%
Ceará	Crato	711	78,3%
Ceará	Caucaia	2.034	76,6%
Ceará	Juazeiro do Norte	1.799	75,7%
Ceará	Fortaleza	23.069	75,2%
Ceará	Sobral	1.027	75,0%
Ceará	Aracati	501	74,7%
Ceará	Maracanaú	1.787	73,0%
Ceará	Iguatu	597	70,9%
Ceará	Eusébio	609	64,2%
Distrito Federal	Brasília	32.236	77,6%

Espírito Santo	Cariacica	3.586	83,6%
Espírito Santo	Vila Velha	5.997	81,6%
Espírito Santo	Colatina	1.267	81,5%
Espírito Santo	Guarapari	1.253	81,4%
Espírito Santo	Serra	5.661	80,8%
Espírito Santo	Aracruz	747	80,2%
Espírito Santo	Viana	620	80,0%
Espírito Santo	Linhares	1.382	79,2%
Espírito Santo	São Mateus	1.059	78,8%
Espírito Santo	Barra de São Francisco	506	77,7%
Espírito Santo	Vitória	3.894	76,9%
Espírito Santo	Cachoeiro de Itapemirim	1.441	76,1%
Goiás	Planaltina	843	82,6%
Goiás	Novo Gama	663	81,4%
Goiás	Águas Lindas de Goiás	1.176	79,9%
Goiás	Trindade	852	77,8%
Goiás	Valparaíso de Goiás	1.343	77,2%
Goiás	Anápolis	4.034	77,2%
Goiás	Senador Canedo	1.029	77,2%
Goiás	Cidade Ocidental	537	77,1%
Goiás	Aparecida de Goiânia	4.220	76,7%
Goiás	Catalão	1.145	76,4%
Goiás	Jataí	891	76,0%
Goiás	Itumbiara	1.082	75,9%
Goiás	Mineiros	605	75,7%
Goiás	Luziânia	1.418	75,2%
Goiás	Goiânia	18.254	74,7%
Goiás	Rio Verde	1.730	73,8%
Goiás	Formosa	975	71,5%
Goiás	Caldas Novas	947	69,4%
Maranhão	Caxias	539	75,7%
Maranhão	São Luís	6.699	74,7%
Maranhão	Açailândia	500	74,4%
Maranhão	Imperatriz	2.058	74,3%
Maranhão	Timon	571	73,7%
Maranhão	Balsas	585	73,5%
Maranhão	São José de Ribamar	956	67,1%
Maranhão	Paço do Lumiar	541	64,7%
Mato Grosso	Cáceres	519	81,3%
Mato Grosso	Alta Floresta	573	80,1%
Mato Grosso	Primavera do Leste	787	78,7%
Mato Grosso	Rondonópolis	2.117	77,7%
Mato Grosso	Lucas do Rio Verde	580	77,4%
Mato Grosso	Tangará da Serra	808	77,4%
Mato Grosso	Sinop	1.383	76,4%
Mato Grosso	Várzea Grande	2.647	76,2%
Mato Grosso	Cuiabá	7.314	75,5%
Mato Grosso	Sorriso	721	74,9%

Mato Grosso	Barra do Garças	509	71,7%
Mato Grosso do Sul	Dourados	1.931	80,8%
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	9.269	79,4%
Mato Grosso do Sul	Ponta Porã	629	77,1%
Mato Grosso do Sul	Três Lagoas	1.133	76,7%
Mato Grosso do Sul	Corumbá	524	76,1%
Minas Gerais	Ouro Preto	684	86,0%
Minas Gerais	Vespasiano	982	82,5%
Minas Gerais	Santa Luzia	1.684	81,9%
Minas Gerais	Sete Lagoas	2.219	81,5%
Minas Gerais	Conselheiro Lafaiete	778	81,5%
Minas Gerais	Betim	3.671	81,4%
Minas Gerais	Ponte Nova	560	81,4%
Minas Gerais	Divinópolis	2.107	81,3%
Minas Gerais	Viçosa	674	80,1%
Minas Gerais	Sabará	913	80,1%
Minas Gerais	Ibirité	1.280	80,0%
Minas Gerais	Contagem	6.776	79,9%
Minas Gerais	Nova Serrana	678	79,8%
Minas Gerais	Pouso Alegre	1.316	79,6%
Minas Gerais	Itajubá	861	79,4%
Minas Gerais	Timóteo	816	79,2%
Minas Gerais	Lagoa Santa	554	79,1%
Minas Gerais	Unaí	692	79,0%
Minas Gerais	Barbacena	830	79,0%
Minas Gerais	Araxá	809	78,7%
Minas Gerais	Paracatu	1.088	78,6%
Minas Gerais	Ipatinga	2.533	78,5%
Minas Gerais	São João del Rei	687	78,5%
Minas Gerais	Cataguases	561	78,4%
Minas Gerais	Formiga	708	78,4%
Minas Gerais	Juiz de Fora	4.818	78,3%
Minas Gerais	Governador Valadares	2.467	77,9%
Minas Gerais	Ubá	797	77,9%
Minas Gerais	João Monlevade	637	77,9%
Minas Gerais	Teófilo Otoni	1.213	77,7%
Minas Gerais	Coronel Fabriciano	982	77,4%
Minas Gerais	Ituiutaba	696	77,3%
Minas Gerais	Alfenas	726	77,3%
Minas Gerais	Lavras	794	77,1%
Minas Gerais	Varginha	1.317	77,1%
Minas Gerais	Ribeirão das Neves	2.415	76,8%
Minas Gerais	São Lourenço	506	76,3%
Minas Gerais	Belo Horizonte	33.606	76,0%
Minas Gerais	Itabira	661	75,9%
Minas Gerais	Montes Claros	3.549	75,8%
Minas Gerais	Uberlândia	8.202	75,7%
Minas Gerais	Passos	929	75,6%

Minas Gerais	Janaúba	604	75,5%
Minas Gerais	Patos de Minas	1.314	75,5%
Minas Gerais	Nova Lima	786	75,3%
Minas Gerais	Uberaba	2.597	75,1%
Minas Gerais	Manhuaçu	743	75,0%
Minas Gerais	Poços de Caldas	1.310	74,5%
Minas Gerais	Muriae	855	74,4%
Minas Gerais	Araguari	833	74,2%
Minas Gerais	Patrocínio	532	73,9%
Minas Gerais	Pará de Minas	582	72,9%
Minas Gerais	São Sebastião do Paraíso	591	71,2%
Minas Gerais	Itaúna	695	71,2%
Minas Gerais	Caratinga	658	70,4%
Minas Gerais	Três Corações	512	65,2%
Pará	Belém	9.837	83,7%
Pará	Capanema	527	83,5%
Pará	Marituba	511	83,2%
Pará	Ananindeua	4.312	81,2%
Pará	Barcarena	530	80,2%
Pará	Santarém	1.576	78,7%
Pará	Castanhal	1.132	78,5%
Pará	Paragominas	625	76,8%
Pará	Itaituba	551	76,8%
Pará	Abaetetuba	617	76,7%
Pará	Altamira	849	73,5%
Pará	Redenção	553	72,7%
Pará	Marabá	1.670	72,6%
Pará	Parauapebas	1.706	71,9%
Paraíba	Campina Grande	2.684	82,4%
Paraíba	Bayeux	633	81,7%
Paraíba	Patos	776	77,4%
Paraíba	Santa Rita	719	77,2%
Paraíba	João Pessoa	5.954	76,3%
Paraná	Almirante Tamandaré	688	77,9%
Paraná	Toledo	1.302	77,9%
Paraná	Paranaguá	1.243	77,3%
Paraná	Colombo	1.855	76,4%
Paraná	Marechal Cândido Rondon	536	76,3%
Paraná	Piraquara	669	75,9%
Paraná	Campo Largo	730	75,9%
Paraná	Francisco Beltrão	764	75,8%
Paraná	Campo Mourão	938	75,7%
Paraná	Cambé	825	75,6%
Paraná	Sarandi	832	75,2%
Paraná	Paranavaí	945	74,9%
Paraná	Fazenda Rio Grande	739	74,8%
Paraná	Castro	510	74,5%
Paraná	Curitiba	21.972	74,5%

Paraná	Umuarama	1.009	74,3%
Paraná	Pinhais	1.278	73,9%
Paraná	Cascavel	3.484	73,7%
Paraná	Apucarana	1.138	73,6%
Paraná	Araucária	1.046	73,4%
Paraná	São José dos Pinhais	2.630	73,3%
Paraná	Cianorte	718	72,8%
Paraná	Rolândia	576	72,4%
Paraná	Ponta Grossa	2.773	72,0%
Paraná	Arapongas	1.180	71,9%
Paraná	Foz do Iguaçu	2.230	71,6%
Paraná	Guarapuava	1.142	71,5%
Paraná	Maringá	4.638	70,9%
Paraná	Londrina	5.675	70,5%
Paraná	Pato Branco	852	70,2%
Paraná	Telêmaco Borba	666	68,9%
Pernambuco	Ipojuca	592	81,4%
Pernambuco	Paulista	2.528	80,5%
Pernambuco	Cabo de Santo Agostinho	1.125	79,6%
Pernambuco	Camaragibe	1.012	78,3%
Pernambuco	São Lourenço da Mata	565	77,5%
Pernambuco	Abreu e Lima	597	77,2%
Pernambuco	Jaboatão dos Guararapes	4.565	77,0%
Pernambuco	Caruaru	2.690	76,7%
Pernambuco	Serra Talhada	545	76,5%
Pernambuco	Olinda	3.178	75,6%
Pernambuco	Recife	14.763	74,8%
Pernambuco	Igarassu	542	74,2%
Pernambuco	Garanhuns	855	73,8%
Pernambuco	Vitória de Santo Antão	755	73,2%
Pernambuco	Santa Cruz do Capibaribe	717	73,1%
Pernambuco	Petrolina	1.895	73,0%
Piauí	Picos	625	81,8%
Piauí	Teresina	6.409	79,0%
Piauí	Parnaíba	869	78,3%
Rio de Janeiro	Belford Roxo	3.495	84,8%
Rio de Janeiro	São Gonçalo	8.423	84,6%
Rio de Janeiro	Teresópolis	1.770	84,1%
Rio de Janeiro	Valença	644	84,0%
Rio de Janeiro	Mesquita	1.465	83,9%
Rio de Janeiro	Nova Iguaçu	6.304	83,7%
Rio de Janeiro	São Pedro da Aldeia	1.016	83,5%
Rio de Janeiro	São João de Meriti	3.536	83,3%
Rio de Janeiro	Itaboraí	1.403	83,3%
Rio de Janeiro	Paraty	534	83,0%
Rio de Janeiro	Duque de Caxias	7.535	82,9%
Rio de Janeiro	Araruama	1.032	82,8%
Rio de Janeiro	Magé	1.696	82,5%

Rio de Janeiro	Japeri	522	82,4%
Rio de Janeiro	Nova Friburgo	1.843	81,6%
Rio de Janeiro	Petrópolis	3.046	81,5%
Rio de Janeiro	Barra Mansa	1.715	81,0%
Rio de Janeiro	Nilópolis	1.305	81,0%
Rio de Janeiro	Resende	1.265	80,9%
Rio de Janeiro	Itaguaí	948	80,7%
Rio de Janeiro	Barra do Piraí	927	80,7%
Rio de Janeiro	Cabo Frio	2.662	80,6%
Rio de Janeiro	Maricá	1.315	79,5%
Rio de Janeiro	Angra dos Reis	1.585	79,4%
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	66.865	79,2%
Rio de Janeiro	Volta Redonda	2.235	78,9%
Rio de Janeiro	Rio das Ostras	1.871	78,8%
Rio de Janeiro	Armação dos Búzios	709	78,7%
Rio de Janeiro	Itaperuna	1.062	78,6%
Rio de Janeiro	Campos dos Goytacazes	3.503	78,5%
Rio de Janeiro	Niterói	4.801	78,3%
Rio de Janeiro	Macaé	2.059	77,8%
Rio de Janeiro	Três Rios	917	77,5%
Rio de Janeiro	Rio Bonito	598	77,1%
Rio de Janeiro	Saquarema	1.273	75,6%
Rio de Janeiro	Queimados	1.289	72,5%
Rio Grande do Norte	Caicó	629	79,3%
Rio Grande do Norte	Natal	7.378	77,2%
Rio Grande do Norte	Parnamirim	1.903	76,5%
Rio Grande do Norte	Mossoró	1.785	75,9%
Rio Grande do Sul	Alegrete	595	83,4%
Rio Grande do Sul	Sant'Ana do Livramento	910	80,8%
Rio Grande do Sul	Bagé	798	80,5%
Rio Grande do Sul	Camaquã	514	80,4%
Rio Grande do Sul	Ijuí	1.054	79,6%
Rio Grande do Sul	Passo Fundo	2.419	79,3%
Rio Grande do Sul	Uruguaiana	1.000	79,2%
Rio Grande do Sul	Santa Rosa	741	78,0%
Rio Grande do Sul	Alvorada	1.799	77,0%
Rio Grande do Sul	Erechim	1.236	76,9%
Rio Grande do Sul	Santo Ângelo	751	76,7%
Rio Grande do Sul	Viamão	1.987	76,6%
Rio Grande do Sul	Santa Maria	2.691	76,6%
Rio Grande do Sul	Pelotas	2.928	76,5%
Rio Grande do Sul	Farroupilha	519	76,5%
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	5.522	76,3%
Rio Grande do Sul	Carazinho	749	76,1%
Rio Grande do Sul	Santa Cruz do Sul	1.148	75,9%
Rio Grande do Sul	Esteio	777	75,7%
Rio Grande do Sul	Campo Bom	718	75,6%
Rio Grande do Sul	Bento Gonçalves	1.451	75,2%

Rio Grande do Sul	Gravataí	2.664	74,9%
Rio Grande do Sul	Capão da Canoa	749	74,6%
Rio Grande do Sul	Cruz Alta	747	74,4%
Rio Grande do Sul	Tramandaí	538	74,2%
Rio Grande do Sul	Sapiranga	753	74,1%
Rio Grande do Sul	Guaíba	654	73,9%
Rio Grande do Sul	Taquara	554	73,6%
Rio Grande do Sul	Rio Grande	1.512	73,4%
Rio Grande do Sul	Venâncio Aires	625	73,1%
Rio Grande do Sul	São Leopoldo	2.117	73,1%
Rio Grande do Sul	Novo Hamburgo	3.008	73,1%
Rio Grande do Sul	Montenegro	537	72,8%
Rio Grande do Sul	Lajeado	912	71,7%
Rio Grande do Sul	Sapucaia do Sul	996	71,6%
Rio Grande do Sul	Canoas	3.250	71,3%
Rio Grande do Sul	Cachoeirinha	1.362	71,2%
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	17.062	71,1%
Rio Grande do Sul	Cachoeira do Sul	583	70,5%
Rondônia	Ji-Paraná	1.079	76,5%
Rondônia	Cacoal	613	75,4%
Rondônia	Ariquemes	1.039	74,7%
Rondônia	Vilhena	849	73,0%
Rondônia	Porto Velho	3.993	70,0%
Roraima	Boa Vista	2.270	78,1%
Santa Catarina	Caçador	627	80,9%
Santa Catarina	Itapema	735	80,1%
Santa Catarina	Joinville	5.138	80,0%
Santa Catarina	Camboriú	661	79,4%
Santa Catarina	Rio do Sul	650	79,1%
Santa Catarina	Indaial	716	78,9%
Santa Catarina	Itajaí	2.410	78,0%
Santa Catarina	Jaraguá do Sul	1.114	78,0%
Santa Catarina	Chapecó	1.541	77,9%
Santa Catarina	Navegantes	611	77,6%
Santa Catarina	Brusque	1.281	77,4%
Santa Catarina	Gaspar	560	77,1%
Santa Catarina	Lages	1.471	77,1%
Santa Catarina	Biguaçu	632	77,1%
Santa Catarina	São Francisco do Sul	505	76,6%
Santa Catarina	Araranguá	605	76,5%
Santa Catarina	Blumenau	3.181	76,2%
Santa Catarina	São José	2.463	76,1%
Santa Catarina	Tubarão	957	75,8%
Santa Catarina	Palhoça	1.719	75,2%
Santa Catarina	São Bento do Sul	609	74,9%
Santa Catarina	Balneário Camboriú	1.956	73,7%
Santa Catarina	Criciúma	1.345	73,5%
Santa Catarina	Florianópolis	6.166	73,4%



Santa Catarina	Içara	503	71,8%
São Paulo	Campos do Jordão	663	83,6%
São Paulo	Guarujá	2.759	83,2%
São Paulo	Leme	717	82,8%
São Paulo	Itapecerica da Serra	1.399	82,7%
São Paulo	Várzea Paulista	927	82,0%
São Paulo	Bauru	4.125	82,0%
São Paulo	Matão	712	81,3%
São Paulo	Botucatu	1.371	81,2%
São Paulo	Mairiporã	645	81,1%
São Paulo	Francisco Morato	966	81,1%
São Paulo	Limeira	3.173	80,8%
São Paulo	Lins	829	80,8%
São Paulo	Itapira	540	80,7%
São Paulo	Pirassununga	508	80,7%
São Paulo	Registro	513	80,7%
São Paulo	Jandira	853	80,5%
São Paulo	Peruíbe	811	80,4%
São Paulo	Praia Grande	3.447	80,4%
São Paulo	Mongaguá	554	80,3%
São Paulo	Itatiba	854	80,1%
São Paulo	Bertioga	612	80,1%
São Paulo	Ferraz de Vasconcelos	1.279	80,0%
São Paulo	Santa Cruz do Rio Pardo	518	79,9%
São Paulo	Caieiras	778	79,7%
São Paulo	Avaré	848	79,6%
São Paulo	Cubatão	795	79,5%
São Paulo	Nova Odessa	521	79,5%
São Paulo	Assis	1.056	79,5%
São Paulo	Andradina	565	79,3%
São Paulo	Batatais	506	79,2%
São Paulo	Lorena	860	79,2%
São Paulo	Itapevi	1.442	78,9%
São Paulo	Campo Limpo Paulista	640	78,9%
São Paulo	Hortolândia	2.252	78,7%
São Paulo	Suzano	2.798	78,7%
São Paulo	Sumaré	2.472	78,6%
São Paulo	Fernandópolis	647	78,5%
São Paulo	Sertãozinho	1.192	78,4%
São Paulo	Birigui	1.357	78,4%
São Paulo	Embu	2.099	78,4%
São Paulo	Atibaia	1.468	78,1%
São Paulo	Votorantim	891	78,1%
São Paulo	Diadema	3.196	78,1%
São Paulo	Jaguariúna	510	78,0%
São Paulo	Itaquaquecetuba	2.172	78,0%
São Paulo	Santa Bárbara d'Oeste	1.331	78,0%
São Paulo	Cruzeiro	731	78,0%

São Paulo	Caçapava	620	77,9%
São Paulo	Taboão da Serra	2.526	77,8%
São Paulo	Amparo	644	77,8%
São Paulo	Araçatuba	2.180	77,7%
São Paulo	São Sebastião	742	77,6%
São Paulo	Araraquara	2.055	77,5%
São Paulo	São Vicente	2.450	77,5%
São Paulo	Pindamonhangaba	1.196	77,3%
São Paulo	São Carlos	2.665	77,3%
São Paulo	Cajamar	654	77,2%
São Paulo	Itapeva	924	77,1%
São Paulo	Bragança Paulista	1.587	77,0%
São Paulo	Carapicuíba	2.875	76,8%
São Paulo	Barretos	910	76,8%
São Paulo	Ubatuba	806	76,8%
São Paulo	Araras	1.019	76,7%
São Paulo	Taubaté	2.660	76,7%
São Paulo	Franca	3.639	76,6%
São Paulo	Jaboticabal	633	76,6%
São Paulo	Santo André	6.275	76,5%
São Paulo	Ibitinga	596	76,5%
São Paulo	Ribeirão Preto	8.748	76,5%
São Paulo	Itapetininga	1.280	76,5%
São Paulo	Guarulhos	12.163	76,5%
São Paulo	Americana	2.471	76,4%
São Paulo	Piracicaba	3.782	76,4%
São Paulo	Ribeirão Pires	890	76,3%
São Paulo	São José dos Campos	5.936	76,2%
São Paulo	Guaratinguetá	874	76,2%
São Paulo	Mogi Guaçu	1.133	76,2%
São Paulo	Mauá	2.453	76,1%
São Paulo	Jundiaí	3.714	76,1%
São Paulo	São João da Boa Vista	772	76,0%
São Paulo	Sorocaba	7.258	76,0%
São Paulo	Tatuí	898	75,9%
São Paulo	Rio Claro	1.708	75,9%
São Paulo	Campinas	12.631	75,9%
São Paulo	Caraguatatuba	1.229	75,9%
São Paulo	Franco da Rocha	1.012	75,9%
São Paulo	São Bernardo do Campo	7.197	75,8%
São Paulo	Vinhedo	710	75,8%
São Paulo	Ourinhos	1.221	75,7%
São Paulo	São Roque	622	75,6%
São Paulo	Valinhos	1.232	75,4%
São Paulo	Moji Mirim	787	75,3%
São Paulo	Mirassol	519	75,3%
São Paulo	São Paulo	150.465	75,3%
São Paulo	Cotia	2.267	75,1%

São Paulo	Osasco	6.440	75,0%
São Paulo	Presidente Prudente	2.124	75,0%
São Paulo	Votuporanga	933	74,9%
São Paulo	Santos	3.833	74,8%
São Paulo	Itu	1.461	74,5%
São Paulo	Poá	1.120	74,4%
São Paulo	Jaú	1.130	73,9%
São Paulo	Salto	900	73,9%
São Paulo	Mogi das Cruzes	3.335	73,9%
São Paulo	Jales	518	73,7%
São Paulo	Tupã	641	73,5%
São Paulo	Mococa	580	73,4%
São Paulo	Indaiatuba	1.930	72,8%
São Paulo	São Caetano do Sul	1.765	72,8%
São Paulo	Marília	2.317	72,7%
São Paulo	Jacareí	1.566	72,6%
São Paulo	Paulínia	822	72,5%
São Paulo	Arujá	615	72,0%
São Paulo	Bebedouro	663	71,2%
São Paulo	Catanduva	1.085	71,2%
São Paulo	São José do Rio Preto	5.236	70,9%
São Paulo	Barueri	3.230	70,2%
São Paulo	Santana de Parnaíba	1.753	67,0%
São Paulo	Itanhaém	1.165	63,9%
Sergipe	Nossa Senhora do Socorro	732	78,3%
Sergipe	Aracaju	4.568	76,6%
Tocantins	Araguaína	1.252	74,7%
Tocantins	Gurupi	760	72,4%
Tocantins	Palmas	3.236	72,2%

Fonte: Sebrae

Nota: (\*) apenas municípios 500 ou mais empresas constituídas em 2012.

## 4. FATORES DETERMINANTES DA SOBREVIVÊNCIA/MORTALIDADE DE EMPRESAS

Entre julho e agosto de 2016, o Sebrae realizou uma pesquisa com 2.006 empresas, criadas nos anos de 2011 e 2012. Feita por telefone, a pesquisa tinha o propósito de identificar os fatores que determinam a sobrevivência/mortalidade das empresas. As empresas foram classificadas como ativas/inativas conforme os registros disponíveis na SRF. No momento da entrevista, no entanto, aos donos das empresas ativas foi questionado também se suas respectivas empresas continuavam em atividade. Caso afirmassem que não estavam mais em atividade, as mesmas foram reclassificadas como inativas.

Como resultado, verificou-se que a sobrevivência (ou a mortalidade) do negócio resulta não apenas de um único fator tomado isoladamente, mas depende da combinação de um conjunto de fatores: os “fatores contribuintes”. Estes podem ser agrupados em, pelo menos, quatro grandes conjuntos, expostos no Quadros 1.

### QUADRO 1 – FATORES CONTRIBUINTES PARA A SOBREVIVÊNCIA/MORTALIDADE DE EMPRESAS

- SITUAÇÃO ANTES DA ABERTURA:
  - TIPO DE OCUPAÇÃO DO EMPRESÁRIO
  - EXPERIÊNCIA NO RAMO
  - MOTIVAÇÃO PARA ABRIR O NEGÓCIO
- PLANEJAMENTO DO NEGÓCIO
- GESTÃO DO NEGÓCIO
- CAPACITAÇÃO DOS DONOS EM GESTÃO EMPRESARIAL

**Fonte: Sebrae**

A análise da sobrevivência/mortalidade de empresas se assemelha à análise dos acidentes aéreos. Nesse campo, também não é possível atribuir a um único fator a causa dos acidentes, mas sim, à uma combinação de fatores. Por exemplo, com base nos relatórios do Centro de

Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (CENIPA)<sup>14</sup>, FAJER, M. et al (2010)<sup>15</sup> afirma que, em média, são 4,52 fatores por acidente. “A distribuição desses fatores considerando as frequências de citações foi: deficiente julgamento (80,5%), deficiente planejamento (66,7%), deficiente supervisão (66,7%), aspecto psicológico (44,4%), indisciplina de voo (38,9%), deficiente coordenação de cabine (30,5%), condições meteorológicas adversas (25%), pouca experiência (22,2%), deficiente aplicação de comando (22,2%), outros aspectos operacionais (19,4%), deficiente manutenção (16,7%), deficiente instrução (8,3%), influência do meio ambiente (5,5%), esquecimento (2,8%) e aspecto fisiológico (2,8%).” (FAJER, M. op cit.).

A Tabela 15 apresenta com mais detalhe algumas das principais variáveis que contribuem para a sobrevivência/mortalidade das empresas. Por esta tabela, verifica-se que, entre as empresas que fecharam, há uma proporção maior de empresários que estavam desempregados antes de abrir o negócio, que tinham pouca experiência no ramo, que abriram o negócio por necessidade e/ou exigência de cliente/fornecedor, que tiveram menos tempo para planejar o negócio, que não conseguiram negociar com fornecedores nem conseguiram empréstimos em bancos, que não aperfeiçoavam seus produtos/serviços, que não investiam na capacitação da mão-de-obra, que inovavam menos, que não faziam o acompanhamento rigoroso de receitas e despesas, que não diferenciavam seus produtos e que não investiam na sua própria capacitação em gestão empresarial.

Por outro lado, entre as empresas que continuavam em atividade, havia uma menor proporção de desempregados, e uma maior proporção de empresários com maior experiência no ramo, que abriram o negócio porque identificaram uma oportunidade e/ou que desejavam ter o próprio negócio, que tiveram mais tempo para planejar, que conseguiram negociar com fornecedores e obter empréstimos em bancos, que aperfeiçoavam seus produtos/serviços, que investiam na capacitação da mão-de-obra, que inovavam mais, que faziam o acompanhamento rigoroso de receitas e despesas, que diferenciavam seus produtos em relação ao mercado e que investiam na sua própria capacitação em gestão empresarial.

Assim, em resumo, tal como acontece nos acidentes aéreos, em que estes estão associados a diversos “fatores contribuintes”, no caso das empresas, o acúmulo de muitos “fatores contribuintes” negativos tendem à levar ao fechamento do negócio.

---

<sup>14</sup> Órgão que é responsável pela análise dos acidentes aeronáuticos no Brasil.

<sup>15</sup> FAJER et al (2010) “Fatores contribuintes aos acidentes aeronáuticos”. Revista de Saúde Pública

**TABELA 15 - RESULTADOS COMPARATIVOS SELECIONADOS DA PESQUISA**

Fatores contribuintes		Empresas Ativas	Empresas Inativas
SITUAÇÃO ANTES DA ABERTURA	CONDIÇÃO ANTERIOR DO EMPRESÁRIO *	MENOR proporção de desempregados (21%)	MAIOR proporção de desempregados (30%)
	EXPERIÊNCIA ANTERIOR DO EMPRESÁRIO *	MAIOR proporção de pessoas com experiência anterior no mesmo ramo (71%)	MENOR proporção de pessoas com experiência anterior no mesmo ramo (64%)
	MOTIVAÇÃO PARA ABRIR O NEGÓCIO *	MENOR proporção dos que abriram por exigência de cliente/fornecedor (12%)	MAIOR proporção dos que abriram por exigência de cliente/fornecedor (23%)
		MAIOR proporção dos que abriram porque identificaram oportunidade ou porque desejavam ter o próprio negócio (59%)	MENOR proporção dos que abriram porque identificaram oportunidade ou porque desejavam ter o próprio negócio (49%)
PLANEJAMENTO	TEMPO MÉDIO DE PLANEJAMENTO ANTES DE ABRIR A EMPRESA **	11 meses	8 meses
	RECURSOS *	MAIOR proporção que negociou prazos com fornecedores ou obteve empréstimo em bancos (39%)	MENOR proporção que negociou prazos com fornecedores ou obteve empréstimo em bancos (23%)
GESTÃO DO NEGÓCIO	A EMPRESA COSTUMAVA COM MUITA FREQUENCIA ... *	Aperfeiçoar sistematicamente seus produtos e serviços às necessidades dos clientes (95%)	Aperfeiçoar sistematicamente seus produtos e serviços às necessidades dos clientes (84%)
		Investir na capacitação da mão de obra e dos sócios (69%)	Investir na capacitação da mão de obra e dos sócios (52%)
		Estar sempre atualizado com respeito às novas tecnologias do seu setor (89%)	Estar sempre atualizado com respeito às novas tecnologias do seu setor (78%)
		Realizar um acompanhamento rigoroso da evolução das receitas e das despesas ao longo do tempo (74%)	Realizar um acompanhamento rigoroso da evolução das receitas e das despesas ao longo do tempo (65%)
		Diferenciar produtos e serviços (31%)	Diferenciar produtos e serviços (24%)
CAPACITAÇÃO EM GESTÃO EMPRESARIAL *		MAIOR proporção que fez algum curso para melhorar o conhecimento sobre como administrar um negócio, enquanto tinha a empresa (51%)	MENOR proporção que fez algum curso para melhorar o conhecimento sobre como administrar um negócio, enquanto tinha a empresa (34%)

Fonte: Sebrae (2016)

Nota: \* aplicado o teste z de comparação de proporções. O teste evidenciou que as diferenças das proporções são estatisticamente significantes ao nível  $\alpha=0,05$ .

Nota: \*\* aplicado o teste t de comparação de médias. O teste evidenciou que há diferença significativa entre as empresas ativas e inativas, considerando um  $\alpha=0,05$ , entre as médias.

## 5. ESTUDOS INTERNACIONAIS

No âmbito internacional, existe uma carência de estudos padronizados sobre o tema. Alguns trabalhos estudam a sobrevivência de empresas em cidades específicas, alguns abrangem agregados maiores (p.ex. estados/regiões/setores/país), mas de forma isolada, sem possibilidade de comparação. Outro problema associado a esse tipo de estudo é a dificuldade de comparação dos resultados devido às diferenças metodológicas.

No âmbito internacional, destaca-se o trabalho da *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD), que tenta sistematizar, com base em uma mesma metodologia, a taxa de sobrevivência para um conjunto de países específicos. A OECD chegou a trabalhar com taxa de sobrevivência para empresas, com empregados, com até 1 ano, até 2 anos, até 3 anos, até 4 anos e até 5 anos de atividade. Não obstante esse esforço, poucos países conseguiram disponibilizar e dar continuidade ao levantamento dessas informações.

A Tabela 16 dá uma dimensão do problema com as comparações internacionais. Nela são apresentadas as taxas de sobrevivência para empresas com até 2 anos de atividade, para o segmento de atividade “Comércio no atacado e varejo; reparação de veículos e de bens de uso pessoal e doméstico”, um dos segmentos que mais tende a concentrar empresas de micro e pequeno porte. Apenas os Estados Unidos da América (EUA) conseguiram disponibilizar de forma continuada o monitoramento deste indicador. A série foi então descontinuada para todos os outros países, havendo, para a maioria deles, apenas as estatísticas para as empresas constituídas até 2006/2007.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> A OECD passou a utilizar então um indicador de mortalidade mais amplo, independentemente do número de anos de atividade do negócio: um indicador “global” de “taxa de mortalidade de empresas empregadoras”. Este dado, no entanto, não é comparável ao utilizado neste estudo por considerar empresas de todas as idades.

**TABELA 16 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS COM ATÉ 2 ANOS, POR ANO DE CONSTITUIÇÃO, E POR PAÍS (em %)**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
EUA	78,2	76,0	75,5	74,8	73,1	75,1	76,4	77,4
Israel			65,3	66,8	65,1	66,5	67,4	
Canadá	75,1	73,8	76,4					
Finlândia	62,2	62,9	64,4					
Letônia		76,1	64,4					
Luxemburgo		74,5	75,1					
Espanha		70,5	68,7					
Romênia		70,2	68,1					
Eslováquia		70,2	60,8					
Estônia		66,5	71,2					
Bulgária		50,4						
Holanda		44,1	50,0					
Lituânia			83,8					
Áustria			71,8					
Itália			68,2					
Hungria			56,8					
Portugal			52,2					

Fonte: OECD (2016)

A metodologia utilizada pela OECD se assemelha à aqui utilizada, no tocante ao processamento de bases de dados oficiais e em termos da abrangência temporal. A principal diferença está no fato que a OECD limita a análise para as “empresas empregadoras”, ou seja, com pelo menos 1 empregado, enquanto o estudo do Sebrae contempla empresas com e sem empregados<sup>17</sup>. Neste trabalho, a opção por incluir as empresas sem empregados se deve à grande importância destas no conjunto das empresas brasileiras<sup>18</sup>. Além disso, a cada ano, as empresas sem empregados

<sup>17</sup> A metodologia utilizada pela OECD se diferencia pela utilizada pelo Sebrae nos seguintes aspectos: (1) o trabalho da OECD considera que a criação da empresa só ocorre quando ela passa a ter pelo menos 1 empregado; (2) O trabalho da OECD considera que o encerramento da empresa se dá quando ela deixa de ter empregados. Há, portanto, uma diferença crucial: a variável utilizada pela OECD para definir quando uma empresa é criada e quando é encerrada é o número de empregados. No trabalho do Sebrae, a variável utilizada pela OECD para definir quando uma empresa é criada e quando é encerrada, é a situação perante o fisco (p.ex. entrega de DIPJ, situação ATIVA, etc.). São consideradas todas as empresas, inclusive as com “zero empregado”.

<sup>18</sup> Segundo o DIEESE/SEBRAE (2015), “Anuário do Trabalho das MPE 2014”, com base nos dados da RAIS de 2013, quase 60% das empresas (ou 4 milhões de empresas) operavam sem empregados, naquele ano. Ainda segundo o IBGE, em 2014, havia cerca de 3,7 milhões de empregadores (Fonte: PNAD 2014). No mesmo ano, segundo a SRF, apenas no Simples Nacional, havia cerca de 9,5 milhões de empresas optantes. A diferença (mais de 5 milhões) é uma boa proxy da proporção de empreendimentos sem empregados, em 2014.



se tornam mais relevantes, no contexto brasileiro, em especial se considerarmos a tendência à forte expansão do número de MEI.

Alternativamente, é possível utilizar o conjunto dos dados disponíveis específicos para os EUA, por setores/segmentos de atividade, como forma de obter alguma comparação internacional. Estes dados são expostos na Tabela 17. Por ela, é possível verificar que para as empresas norte-americanas com até 2 anos, constituídas em 2012, a taxa de sobrevivência média da indústria supera a média dos demais setores (a exemplo do que ocorre no Brasil). Nos EUA, para as empresas criadas em 2012, a taxa de sobrevivência média da indústria chegou a 79,2%, superior à taxa do dos serviços de transporte, armazenagem e comunicação (76,6%), à do comércio (77,4%), a das atividades imobiliárias (77,4%), a da intermediação financeira (76,9%), a da construção (74,6%) e a de hotéis e restaurantes (74%).

Curiosamente, para as empresas criadas em 2012, a taxa de sobrevivência norte-americana na indústria (79%) é bem próxima à verificada no Brasil (80%), o mesmo ocorrendo com o comércio (77% nos Estados Unidos e no Brasil) e a de serviços (75% na média dos serviços no Brasil, contra 74% nas atividades de hotéis e restaurantes e 77% nos serviços de transporte, armazenagem e comunicação e nas atividades imobiliárias norte-americanas).

**TABELA 17 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS EMPREGADORAS, COM ATÉ 2 ANOS, NOS ESTADOS UNIDOS (EM %)**

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Total da indústria	84,4	81,1	78,8	77,7	73,5	74,6	77,4	79,2
Indústria extrativa	82,5	84,1	80,7	78,9	75,5	73,3	77,4	77,9
Indústria manufatureira	84,5	81,1	78,8	77,7	73,4	74,7	77,4	79,3
Oferta de eletricidade, gás e água	83,4	73,4	63,5	71,6	69,3	75,7	82,8	76,6
Construção	84,4	79,1	74,7	70,0	65,9	68,4	71,8	74,6
Comércio no atacado e varejo; reparação de veículos e de bens de uso pessoal e doméstico	78,2	76,0	75,5	74,8	73,1	75,1	76,4	77,4
Hotéis e restaurantes	75,9	75,1	74,5	74,3	72,6	74,4	73,7	74,0
Transporte, armazenagem e comunicação	75,6	74,4	73,8	72,1	70,0	73,4	74,1	76,6
Intermediação financeira	79,3	77,3	74,6	70,0	69,2	73,0	75,6	76,9
Atividades imobiliárias, locação e serviços empresariais	79,0	78,2	76,7	74,5	72,6	74,9	76,5	77,4

Fonte: OECD (2016)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o terceiro relatório do SEBRAE com o objetivo de identificar a taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos, elaborado a partir do processamento das bases de dados da SRF. Em paralelo ao processamento dessas bases, foi realizada também pesquisa com uma amostra de 2.006 empresas, ativas e inativas, para identificar os fatores determinantes do fechamento dos negócios.

Entre os principais resultados do trabalho se destaca o aumento da taxa de sobrevivência das empresas com até 2 anos, para as empresas criadas entre 2008 e 2012. A taxa de sobrevivência média passou de 54,2% (empresas criadas em 2008) para 76,6% (empresas criadas em 2012). Entre os fatores que levaram a esse resultado, destacam-se: a expansão dos MEI e o aumento do PIB brasileiro no período, ambos, favorecidos pelo aumento da rendimento médio real dos trabalhadores, em especial do Salário Mínimo, a tendência à redução média das taxas de juros, a queda da taxa de desemprego na economia e a melhora da legislação em favor dos Pequenos Negócios, no período entre 2008 e 2014.

Tomando apenas as empresas criadas em 2012, a taxa de sobrevivência das empresas com até 2 anos (76,6%) foi puxada pela taxa de sobrevivência do MEI (87%) e das EPP (98%), pela indústria (80%), pela região sudeste (78%) e pelos segmentos de atividade que ofertam “bens salários”. Alagoas (81%), Rio de Janeiro (80%) e Espírito Santo (80%) foram as unidades da federação com melhor desempenho no período. Amazonas (67%), Amapá (68%) e Maranhão (71%) foram as UF com taxas de sobrevivência mais baixas.

Em paralelo ao processamento das bases de dados da SRF, pesquisa realizada em julho e agosto de 2016, com uma amostra 2.006 empresas representativa do universo de empresas constituídas em 2011 e 2012, no Brasil, mostrou que não há apenas um fator determinante do fechamento das empresas. A exemplo dos acidentes aéreos, a mortalidade de empresas está associada a uma combinação de “fatores contribuintes”, em especial: (1) o tipo de ocupação dos empresário antes da abertura (se desempregado ou não); (2) a experiência/conhecimento do empresário anterior no ramo; (3) a motivação para a abertura do negócio; (4) o planejamento adequado do negócio antes da abertura; (5) a qualidade da gestão do negócio; e (6) a capacitação dos donos em gestão empresarial.

Embora seja difícil fazer comparações internacionais, dadas as diferenças metodológicas, as taxas de sobrevivência das empresas com até 2 anos (com e sem empregados), no Brasil, se aproximam, por exemplo, das taxas identificadas nas empresas (com empregados) nos Estados

Unidos. Para as empresas criadas em 2012, a taxa de sobrevivência no Brasil foi de 76,6%, enquanto nos Estados Unidos chegou a 77,4%.

O presente estudo não pretende ser conclusivo sobre a questão da sobrevivência/mortalidade de empresas no Brasil, mas oferecer subsídios para a compreensão desse fenômeno. O que se espera aqui é que, uma vez disponibilizados os resultados deste trabalho (as taxas e as análises), estes possam ser mais explorados por outros autores e/ou instituições com o intuito de aprofundar a discussão e o conhecimento sobre o tema.

## Anexo 1– Metodologia

A metodologia do presente estudo foi elaborada a partir dos dados da Receita Federal, que apresentam os dados cadastrais dos CNPJ<sup>19</sup> constituídos no Brasil. Essa base de dados foi concedida para o Sebrae por meio de convênio celebrado entre as Instituições.

Então, o que se propõe é identificar as empresas que são formalmente constituídas em um determinado ano e estimar a quantidade de empresas que permaneceram em atividade ou que encerraram suas atividades.

Para a formulação do método de cálculo das taxas de sobrevivência, foi necessário assumir algumas premissas:

- As empresas que se constituem formalmente na SRF começam a operar (entram em atividade) a partir da data de constituição. Isto é, não se considera a possibilidade em que estas existam apenas para efeito de documentação sem que estejam efetivamente em atividade (produção/venda/prestação de serviços);
- Após a análise do banco de dados, verificou-se um número considerável de empresas que declararam faturamento zero à Receita Federal. Devido às dificuldades encontradas para encerrar formalmente as atividades de um negócio no país, é possível que alguns empresários prefiram declarar que a empresa não teve faturamento a solicitar sua baixa. Além disso, evidências recentes, provenientes do relacionamento do Sebrae com estas empresas, indicam que as mesmas não estão efetivamente em atividade. Estas empresas com faturamento zero foram então consideradas inativas, exceto, aquelas que declararam ter algum empregado ou terem sido atendidas pelo Sebrae. Dessa forma, estas empresas fazem parte do universo de estudo e impactam negativamente na taxa de sobrevivência.
- As empresas que dão “baixa” do CNPJ na SRF não voltam a operar, mesmo que informalmente.

---

<sup>19</sup> Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - RFB

## A.1. Universo de estudo

Para efeito de uniformidade e levando em consideração a realidade dos pequenos negócios, definiu-se o estabelecimento matriz como unidade do universo do estudo.

Sabe-se que uma única empresa pode possuir um ou mais estabelecimentos (mas apenas uma matriz), e cada estabelecimento pode estar em Unidades de Federações distintas, atuar em segmentos de atividades (CNAE<sup>20</sup>) diferentes e possuir datas de constituição distintas. No entanto, esta característica é atribuída principalmente a empresas de médio e grande portes.

Além disso, o universo de estudo foi restringido para estabelecimentos que:

- Sejam de origem brasileira (não estrangeira);
- Possuam natureza jurídica compatível com as atividades mercantis. Excluem-se, portanto, todos os CNPJ da Administração Pública, Entidades sem Fins Lucrativos, Empresa Pública e Candidato a Cargo Político Eletivo;
- Atuem em segmentos de atividade não agrícola (baseado no seu CNAE).

A exclusão de atividades não agrícolas se justifica porque a base da RFB subestima esses empreendimentos, já que seu registro formal, na maioria dos casos, ocorre apenas nos órgãos estaduais de controle.

Nota-se que as características citadas acima podem sofrer alterações ao longo dos anos de atividade de cada estabelecimento, conforme necessidade de adaptação do negócio. No entanto, a seleção do universo foi efetuada a partir da característica dos estabelecimentos da primeira vez que estes surgem nas bases de dados da RFB.

---

<sup>20</sup> Classificação Nacional de Atividade Econômica - IBGE

## A.2. Situação da empresa em cada ano

A situação da empresa foi verificada por meio de diversas variáveis existentes nas bases de dados. Para cada ano de referência, um conjunto diferente de critérios é admitido, dependendo da disponibilidade de dados que permitam a avaliação naquele ano. A tabela abaixo apresenta os critérios para cada ano.

A caracterização da atividade requer o atendimento de todos os critérios obrigatórios e de ao menos um critério qualificador.

Critério	Ano de referência				
	2008	2009	2010	2011 a 2013	2014
Ausência de entrega de <b>declaração de inatividade</b> no ano	OBR	OBR	OBR		
<b>Situação cadastral</b> ativa em 31/12	OBR	OBR	OBR	OBR	OBR
<b>Declaração (DIPJ)</b> entregue no ano com <b>faturamento acima de zero</b>	QUA	QUA	QUA	QUA	
<b>Declaração (DASN)</b> entregue no ano com <b>faturamento acima de zero</b>		QUA	QUA	QUA	
Empresa <b>aberta no próprio ano</b> de análise	QUA	QUA	QUA	QUA	QUA
<b>Atendimento Sebrae</b> registrado no ano	QUA	QUA	QUA	QUA	QUA
Empresa <b>optante pelo Simei</b> em 31/12		QUA	QUA	QUA	QUA
Declaração de <b>atividade na RAIS</b> com <b>um ou mais empregados</b>			QUA	QUA	
Empresa classificada como <b>ativa no ano anterior</b>					QUA

LEGENDA: O preenchimento "OBR" indica os critérios obrigatórios no ano de referência, ao passo que o preenchimento "QUA" sinaliza os critérios qualificadores. A pessoa jurídica é considerada ativa se, no ano de referência, atender a todos os critérios obrigatórios e a pelo menos um critério qualificador.

### A.3. Taxa de sobrevivência/mortalidade

É possível determinar taxas de sobrevivência ou mortalidade por meio da razão da quantidade de empresas ativas e o total de empresas constituídas. Para este estudo, foi estabelecida prioritariamente a determinação da taxa de sobrevivência de 2 anos.

$$\text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2008)} = \frac{\text{Estab. constituídos em 2008 e Inativos em 2010}}{\text{Estab. constituídos em 2008}}$$

$$\text{Taxa de Sobrevivência de 2 anos}_{(2008)} = 1 - \text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2008)}$$

$$\text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2009)} = \frac{\text{Estab. constituídos em 2009 e Inativos em 2011}}{\text{Estab. constituídos em 2009}}$$

$$\text{Taxa de Sobrevivência de 2 anos}_{(2009)} = 1 - \text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2009)}$$

$$\text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2010)} = \frac{\text{Estab. constituídos em 2010 e Inativos em 2012}}{\text{Estab. constituídos em 2010}}$$

$$\text{Taxa de Sobrevivência de 2 anos}_{(2010)} = 1 - \text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2010)}$$

$$\text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2011)} = \frac{\text{Estab. constituídos em 2011 e Inativos em 2013}}{\text{Estab. constituídos em 2011}}$$

$$\text{Taxa de Sobrevivência de 2 anos}_{(2011)} = 1 - \text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2011)}$$

$$\text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2012)} = \frac{\text{Estab. constituídos em 2012 e Inativos em 2014}}{\text{Estab. constituídos em 2012}}$$

$$\text{Taxa de Sobrevivência de 2 anos}_{(2012)} = 1 - \text{Taxa de Mortalidade de 2 anos}_{(2012)}$$

#### A.4. Principais diferenças e dificuldades encontradas em relação ao estudo anterior

Nos últimos anos, o Sebrae vem aperfeiçoando a segmentação e o conhecimento sobre o seu público. Nesse sentido, foram estabelecidos critérios para a caracterização da atividade da empresa, a partir de várias variáveis. Em relação ao estudo anterior, a opção pelo regime do Simples Nacional não indica mais que a empresa esteja ativa. Isto porque verificou-se que muitas empresas com faturamento zero continuam optantes pelo Simples, e neste estudo estas empresas foram consideradas inativas.

O estudo, em lide, avaliou as entidades mercantis. Dessa forma, por não constituírem instituições com fins lucrativos ou nacionais, foram excluídas as seguintes naturezas jurídicas:

- todas da categoria 1 (Administração Pública);
- todas da categoria 3 (Entidades sem Fins Lucrativos);
- todas da categoria 5 (Organizações Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais);
- 201-1 (Empresa Pública);
- 203-8 (Sociedade de Economia Mista);
- 217-8 (Estabelecimento, no Brasil, de Sociedade Estrangeira);
- 219-4 (Estabelecimento, no Brasil, de Empresa Binacional Argentino-Brasileira);
- 221-6 (Empresa Domiciliada no Exterior);
- 227-5 (Empresa Binacional);
- 409-0 (Candidato a Cargo Político Eletivo).

Em 2009, entrou em vigor a Lei Complementar nº 128/2008, que criou o Microempreendedor Individual (MEI). Por integrar o público do Sebrae, as estatísticas de mortalidade e sobrevivência incorporam os MEI. Contudo, para avaliar o impacto nessas estatísticas, foi realizada a análise por porte de empresa.

O propósito da alteração metodológica foi utilizar os mesmos critérios adotados pelo Sebrae em outros documentos, em estatísticas de quantidade de empresas e nas regras de atendimento.



## Bibliografia

BNDES (2002), “Análise da Sobrevivência das Firms Brasileiras”. Rio de Janeiro: série “Informe-se”, n.46, agosto/2002.

[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/informesf/inf\\_46.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/informesf/inf_46.pdf)

BNDES (2003), “Demografia das Firms Brasileiras”. Rio de Janeiro: série “Informe-se”, n.50, janeiro/2003.

[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/informesf/Inf\\_50.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/informesf/Inf_50.pdf)

COSMO, Gilvan Joaquim (2013), “Economias de Aglomeração, Tamanho de Cidades e Qualidade da Universidade”. Dissertação de mestrado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FACE, Departamento de Economia, Universidade de Brasília – UnB

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14521/1/2013\\_%20GilvamJoaquimCosmo.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14521/1/2013_%20GilvamJoaquimCosmo.pdf)

DIEESE/SEBRAE (2015), “Anuário do Trabalho das MPE 2014”. 7ª edição.

<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario-do%20trabalho-na%20micro-e-pequena%20empresa-2014.pdf>

FAJER, Marcia & ALMEIDA, Ildeberto Muniz de & FISCHER, Frida Marina (2010) “Fatores contribuintes aos acidentes aeronáuticos”. Revista de Saúde Pública, v.45, n.2, p.432-435, 2011.

[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12934/art\\_FAJER\\_Fatores\\_contribuintes\\_aos\\_acidentes\\_aeronauticos\\_2011.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12934/art_FAJER_Fatores_contribuintes_aos_acidentes_aeronauticos_2011.pdf?sequence=1)

IBGE (2002), “Estatísticas do Cadastro Central de Empresas 2000”. Rio de Janeiro.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/estatcadcentralempr/cempre2000.pdf>

IBGE (2007), “Demografia das Empresas 2005”. Rio de Janeiro: série “Estudos & Pesquisas Informações Econômicas”, n.6.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/demografiaempresa/2005/demoempresa2005.pdf>

IBGE (2008), “Demografia das Empresas 2006”. Rio de Janeiro: série “Estudos & Pesquisas Informações Econômicas”, n.10.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/demoempresas/demoemp2006.pdf>

IBGE (2010), “Demografia das Empresas 2008”. Rio de Janeiro: série “Estudos & Pesquisas Informações Econômicas”, n.14.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/demografiaempresa/2008/demoempresa2008.pdf>

IBGE (2012), “Demografia das Empresas 2010”. Rio de Janeiro: série “Estudos & Pesquisas Informações Econômicas”, n.17. IBGE (2012b), “Levantamento Sistemático da Produção Agrícola”. Rio de Janeiro: v.25, n.02 p.1-88, fevereiro/2012.

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/lspa\\_201202.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/lspa_201202.pdf)

INDUSTRY CANADA (2010), “The State of Entrepreneurship in Canada”. Ottawa.

[http://www.ic.gc.ca/eic/site/sbrp-rppe.nsf/vwapj/SEC-EEC\\_eng.pdf/\\$file/SEC-EEC\\_eng.pdf](http://www.ic.gc.ca/eic/site/sbrp-rppe.nsf/vwapj/SEC-EEC_eng.pdf/$file/SEC-EEC_eng.pdf).

NAJBERG, Sheila, & PUGA, Fernando Pimentel & OLIVEIRA, Paulo André de Souza de Oliveira (2000), “Sobrevivência das Firmas no Brasil: dez. 1995/dez. 1997”. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p. 33-48, junho/2000.

[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev1302.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev1302.pdf)

OECD (2016), “SDBS Business Demography Indicators”.

[http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=SDBS\\_BDI](http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=SDBS_BDI), acesso em 14/08/2016.

OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS (2010), "Statistical Bulletin: Business Demography 2009: Enterprise births, deaths and survival". Statistical Bulletin. UK, 1 December/2010.

<http://www.statistics.gov.uk/pdfdir/bd1210.pdf>

PENA, Rodolfo F. Alves. "Economias de Aglomeração"; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/economias-aglomeracao.htm> Acesso em 30 de agosto de 2016.

SEBRAE/DIEESE (2012), "Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa:2012". São Paulo/2010.

<http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/temas-estrategicos/emprego>

SEBRAE NA (1998), "Fatores Condicionantes da Mortalidade de Empresas – pesquisa piloto realizada em Minas Gerais". Mimeo.

SEBRAE NA (2007), "Fatores Condicionantes e Taxas de Sobrevivência e Mortalidade das Micro e Pequenas Empresas no Brasil, 2003-2005". Brasília, agosto/2007.

[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/\\$File/NT00037936.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/$File/NT00037936.pdf)

SEBRAE (2011), "Pesquisa de Perfil do Empreendedor Individual 2011", 45 pg.

<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/Perfil%20Empreendedor%20Individual%202011.pdf>

SEBRAE NA (2011), "Taxa de Sobrevivência das Empresas no Brasil". Brasília, outubro/2011.

[http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/45465B1C66A6772D832579300051816C/\\$File/NT00046582.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/45465B1C66A6772D832579300051816C/$File/NT00046582.pdf)

SEBRAE NA (2013), “Sobrevivência das Empresas no Brasil”. Brasília, 2013.

[http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Sobrevivencia\\_das\\_empresas\\_no\\_Brasil=2013.pdf](http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Sobrevivencia_das_empresas_no_Brasil=2013.pdf)

SEBRAE NA (2016), “Perfil do Microempreendedor Individual 2015”, 88pg

<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>

SEBRAE NA (2016), “Sobrevivência de Empresas pesquisa quantitativa”, mimeo.

SEBRAE RN (2005), “Relatório da Taxa de Mortalidade das Empresas do RN”. Natal.

[http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/51A426E1493B202303256FB90052E017/\\$File/NT000A500.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/51A426E1493B202303256FB90052E017/$File/NT000A500.pdf)

SEBRAE SP (2008), “10 Anos de Monitoramento da Sobrevivência e Mortalidade de Empresas”. São Paulo, Edições Sebrae SP.

[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4BB33E51D81E5AE2832574E100742A84/\\$File/NT00039182.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4BB33E51D81E5AE2832574E100742A84/$File/NT00039182.pdf)

SEBRAE SP (2010), “12 Anos de Monitoramento da Sobrevivência e Mortalidade de Empresas”. São Paulo, mimeo, agosto/2010.

SANDRONI, Paulo, org. (1999), “Novíssimo Dicionário de Economia”. Editora Best Seller.

<http://sinus.org.br/2014/wp-content/uploads/2013/11/FMI.BMNov%C3%ADssimo-Dicion%C3%A1rio-de-Economia.pdf>